

Gostaria de expressar a minha gratidão ao povo de Hong Kong, que me dedicou tanto do seu tempo e conhecimento e me permitiu entrar no seu presente e passado. É claro que isto não é uma história, mas um romance. É povoado por homens e mulheres criados a partir da imaginação do autor, e não há nenhuma referência a ninguém, ou a qualquer empresa, que tenha sido — ou seja — parte de Hong Kong.



LIVRO PRIMEIRO



Dirk Struan subiu ao tombadilho do navio-almirante HMS Vengeance e dirigiu-se ao portaló. O navio de linha, com os seus 74 canhões, estava ancorado a oitocentos metros da ilha. Em seu redor, estavam os demais navios de guerra da armada, os de transporte das tropas da força expedicionária e os mercantes e veleiros de ópio dos comerciantes da China. Era madrugada, uma terça-feira fria e monótona, 26 de janeiro de 1841.

Enquanto caminhava pelo convés principal, Struan olhou para a costa e foi tomado pela excitação. A guerra com a China acontecera como planeara. A vitória fora como ele previra. O prêmio dessa vitória — a ilha — era algo que ele cobiçara durante vinte anos. E agora ia desembarcar para testemunhar a formalidade da tomada de posse, para ver uma ilha chinesa tornar-se uma joia na coroa de Sua Majestade Britânica, a Rainha Vitória.

A ilha era Hong Kong. Cerca de 48 quilómetros quadrados de rocha montanhosa na margem norte do imenso Rio das Pérolas, no sul da China. A um quilómetro do continente. Inóspita. Infértil. Desabitada, à exceção de uma pequena vila de pescadores no lado sul. Em pleno trajeto das tempestades monstruosas que anualmente irrompiam do Pacífico. Delimitada a leste e a oeste por perigosos bancos de areia e recifes. Inútil para o mandarim — nome dado a qualquer funcionário do imperador chinês — em cuja província se situava.

Mas Hong Kong abrigava o maior porto do planeta. E era o acesso de Struan à China.

— Atenção! — gritou o jovem oficial de quarto para o fuzileiro naval de casaca escarlate. — Escaler do Senhor Struan para o portaló da meia-nau!

— Sim, senhor!

O fuzileiro debruçou-se na amurada e repetiu a ordem.

— Não vai demorar, senhor — disse o oficial, tentando conter a sua admiração pelo príncipe mercante que era uma lenda nos mares da China.

— Não se apresse, rapaz.

Struan era um gigante, com o rosto marcado por mil tempestades. A sua sobrecasaca azul tinha botões prateados e as calças brancas justas apresentavam-se descuidadamente enfiadas em botas de marinheiro. Estava armado como sempre: um punhal no fundo das

costas e outro no cano da bota direita. Tinha quarenta e três anos, era ruivo e os seus olhos eram verde-esmeralda.

— *Está um belo dia.*

— *Sim, senhor.*

Struan desceu, entrou na proa do seu escaler e sorriu ao seu meio-irmão mais novo, Robb, que estava sentado a meio da embarcação.

— *Estamos atrasados — disse Robb com um sorriso.*

— *Sim. Sua Excelência e o almirante estavam prolixos. — Struan olhou para a ilha por um momento. Então, fez um sinal ao contramestre. — Largar. Vamos para terra, Senhor McKay!*

— *Sim, senhor!*

— *Finalmente, hein, Tai-Pan? — disse Robb.*

«Tai-pan» queria dizer «líder supremo» em chinês. Numa companhia, exército, armada ou nação, existe apenas um homem assim: aquele que detém o verdadeiro poder.

— *Sim — disse Struan.*

Ele era o Tai-Pan da Casa Nobre.



CAPÍTULO UM



— Uma praga pr'esta ilha fedorenta — disse Brock, olhando em redor para a praia e para as montanhas. — A China inteira aos nossos pés e tudo o que levamos é esta maldita rocha fedorenta.

Brock estava na praia com outros dois comerciantes. Espalhados à volta deles, outros grupos de comerciantes e oficiais da força expedicionária. Todos aguardavam o oficial da Marinha Real Britânica para iniciar a cerimónia. Uma guarda de honra de vinte fuzileiros navais estava alinhada em duas fileiras organizadas ao lado do mastro, o escarlate dos seus uniformes um súbito toque de cor. Perto deles, os grupos desordenados de marinheiros que tinham acabado de cravar o mastro naquele solo pedregoso.

— Devíamos hastear a bandeira aos oito toques — disse Brock, a sua voz rouca de impaciência. — Já passou uma hora. Qual é a razão deste raio deste atraso?

— Traz muito má *joss* praguejar numa terça-feira, Senhor Brock — disse Jeff Cooper. Era um americano magro, de nariz adunco, originário de

Boston, com sobrecasaca preta e cartola de feltro num ângulo elegante. — Muito má!

O sócio de Cooper, Wilf Tillman, inteiriçou-se ligeiramente, ciente do tom nasalado da voz do jovem. Era atarracado e corado, e vinha do Alabama.

— Pois que lho digo já, toda esta porcaria nos traz má *joss*! — disse Brock. *Joss* era uma palavra chinesa que significava Sorte e Destino, Deus e o Diabo juntos. — Terrivelmente má.

— É melhor que não traga, senhor — disse Tillman. — O futuro do comércio com a China está aqui, agora... com boa *joss* ou má *joss*.

Brock encarou-o.

— Hong Kong não tem futuro. Precisamos é de portos abertos na China continental, e vocês sabiam isso, por Deus!

— O porto é o melhor nestas águas — disse Cooper. — Temos bastante espaço para arriar e reparar todos os nossos navios. Bastante espaço para construir as nossas casas e armazéns. E sem interferência chinesa, finalmente.

— Uma colónia precisa de terra arável e de camponeses para a lavrar, Senhor Cooper. E de rendimentos — disse Brock, impaciente. — Eu andei por aí e o senhor também. Não há de crescer nada aqui. Não há campos nem riachos, nem pastos. Portanto, nada de carne nem batatas. Tudo o que precisarmos terá de vir por mar. Pense nos custos. Ora, até a pesca deve ser uma miséria. E quem é que vai pagar o sustento de Hong Kong, hein? Nós e o nosso comércio, por Deus!

— Ah, é esse o tipo de colónia que quer, Senhor Brock? — perguntou Cooper. — Pensei que o Império Britânico — cuspiu destramente para o lado do vento — já tivesse o bastante desse tipo de colónia.

A mão de Brock aproximou-se do punhal.

— Está a cuspir para limpar a garganta ou a cuspir no Império?

Tyler Brock estava perto dos cinquenta anos, um homem grande e zarolho, tão rijo e tão firme quanto o ferro que fora forçado a vender em Liverpool quando jovem, e tão forte e perigoso quanto os navios mercantes para os quais se escapara e que, por fim, agora governava como chefe da Brock e Filhos. As suas roupas eram sumptuosas e o punhal no cinto estava cravejado de joias. A barba estava a ficar grisalha, tal como o seu cabelo.

— Está um dia frio, Senhor Brock — disse Tillman depressa, interiormente irritado com a língua solta do seu jovem sócio. Brock não era homem para provocar, e eles ainda não se podiam dar ao luxo de uma inimizade aberta com ele. — Muito frio no vento, hein, Jeff?

Cooper assentiu brevemente. Mas não tirou os olhos de Brock. Não tinha punhal, mas contava com uma pistola *derringer* no bolso. Era da mesma altura de Brock, porém mais magro, e destemido.

— Vou dar-lhe um conselho, Senhor Cooper — disse Brock. — É melhor não cuspir muito depois de dizer «Império Britânico». Há gente que não lhe há de dar o benefício da dúvida.

— Obrigado, Senhor Brock, vou lembrar-me disso — respondeu Cooper tranquilamente. — E também lhe dou um conselho: praguejar numa terça-feira traz má *joss*.

Brock conteve-se. Mais cedo ou mais tarde, havia de esmagar Cooper e Tillman mais a sua companhia, a maior dos comerciantes americanos. Mas agora precisava deles como aliados contra Dirk e Robb Struan. Brock amaldiçoou aquela *joss*, que fizera da Struan e Companhia a maior casa da Ásia, tão rica e poderosa que os outros comerciantes lhe haviam dado, com admiração e inveja, o nome de *Casa Nobre* — nobre porque era a primeira em riquezas, a primeira em generosidade, a primeira em comércio, a primeira em veleiros, mas principalmente porque Dirk Struan era Tai-Pan, o *Tai-Pan* entre todos os Tai-Pan da Ásia. E a *joss* custara um olho a Brock dezassete anos antes, o ano em que Struan fundara o seu império.

Acontecera ao largo da Ilha de Chushan. Chushan ficava a sul do enorme porto de Xangai, perto da foz do poderoso Rio Yangtzé. Brock havia atravessado a monção com uma enorme carga de ópio — com Dirk Struan alguns dias atrás, também ele com uma carga de ópio. Brock chegara primeiro a Chushan, vendera a sua carga e voltara, contente por saber que, agora, Struan teria de ir mais a norte e tentar uma nova costa com novos riscos. Brock acelerara para sul, para casa — Macau —, os seus cofres cheios de ouro, o vento forte pela popa. Então, uma grande tempestade irrompera subitamente dos mares da China. Os Chineses chamavam àquelas tempestades *tai-fung*, os Ventos Supremos. Os comerciantes chamavam-lhes tufões. Eram a encarnação do terror.

O tufão castigara impiedosamente o navio de Brock, e este ficara preso entre os mastros e vergas que caíam. Apanhada pelos ventos, uma adriça arrancada acertara-lhe enquanto jazia indefeso. Os seus homens tinham-no soltado, mas não antes de a corda rebentada, com a ponta solta, lhe arrancar o olho esquerdo. O navio estava quase a adernar, e Brock ajudou os homens a livrarem-se do cordame e das vergas, e, por algum milagre, o navio lá se endireitou. Depois, tratara de despejar conhaque na cavidade sangrenta; ainda se conseguia lembrar da dor.

E lembrou-se de como se arrastara até ao porto muito depois de ter sido dado como perdido, o seu belo veleiro de três mastros não mais do que um casco, sem pano, sem mastros, bocas de fogo e cordame, tudo perdido. E depois de Brock substituir vergas, cordame, mastros, canhões, pólvora, balas e homens, e comprar outro carregamento de ópio, todos os lucros daquela viagem haviam desaparecido.

Struan deparara-se com o mesmo tufão numa pequena lancha: um barco com casco chinês, mastros ingleses e usado para contrabando costeiro em dias de bom tempo. Mas Struan vencera a tempestade e, elegante e incólume como sempre, apresentara-se no cais para cumprimentar Brock, os seus estranhos olhos verdes a zombar dele.

O Dirk e a sua maldita joss, pensou Brock. A joss permitiu-lhe transformar aquela lancha mal-amanhada numa frota de veleiros e centenas de lanchas, em armazéns e ouro com fatura. Naquela maldita Casa Nobre. A joss empurrou a Brock e Filhos pró raio dum segundo lugar. Segundo. E, pensou ele, a joss deu-lhe os ouvidos do nosso maldito plenipotenciário covarde, o Honorável Longstaff, durante todos estes anos. E agora, juntos, os dois entregaram-nos.

— Um raio que *parta* Hong Kong e que *parta* também o Struan!

— Se não fosse o plano do Struan, vocês nunca teriam vencido a guerra tão facilmente — disse Cooper.

A guerra começara em Cantão dois anos antes, quando o imperador chinês, decidido a subjugar os europeus, tentara eliminar o contrabando de ópio, essencial ao comércio britânico. O Vice-Rei Ling cercara o povoado estrangeiro em Cantão com tropas e exigira todas as caixas de ópio da Ásia para resgatar as vidas dos indefesos comerciantes ingleses. Por fim, vinte mil caixas de ópio tinham sido entregues e destruídas, sendo aos britânicos permitido retirar para Macau. Mas os Britânicos não podiam encarar com ligeireza nem a interferência no seu comércio nem as ameaças aos seus cidadãos. Seis meses antes, a Força Expedicionária Britânica chegara ao Oriente e, aparentemente, fora colocada sob a jurisdição de Longstaff, o Capitão Superintendente do Comércio.

Mas fora Struan quem concebera o plano inspirado de contornar Cantão, onde todos os problemas haviam começado, e, em vez disso, enviar a força expedicionária para norte, para Chushan. Seria simples tomar aquela ilha sem perdas, teorizou Struan, visto que os Chineses estavam despreparados e indefesos contra qualquer exército ou armada europeia moderna. Deixando uma pequena força de contenção em Chushan e alguns navios para bloquear

o Yangtzé, a força expedicionária poderia navegar para norte, até à foz do Rio Pei Ho, e ameaçar Pequim, a capital da China, que ficava a apenas 160 quilómetros a montante. Struan sabia que somente uma ameaça tão direta faria o imperador pedir imediatamente a paz. Um conceito soberbo. E resultara brilhantemente. A força expedicionária havia chegado ao Oriente em junho passado. Em julho, Chushan tinha sido tomada. Em agosto, a força expedicionária estava atracada no Pei Ho. Passadas duas semanas, o imperador enviara um representante para negociar a paz — a primeira vez na História que um imperador chinês reconhecia oficialmente qualquer nação europeia. E a guerra terminara com praticamente nenhuma perda para nenhum dos lados.

— O Longstaff foi muito sábio em seguir o plano — disse Cooper.

— Qualquer comerciante daqui sabia como deixar os Chineses de joelhos — disse Brock com a voz rouca. Empurrou a cartola mais para trás na testa e endireitou a pala do olho. — Mas porque é que o Longstaff e o Struan aceitaram negociar lá em Cantão, hein? Qualquer tolo sabia que, com um chinês, «negociar» significa ganhar tempo. Devíamos ter ficado a norte, em Pei Ho, até a paz ser assinada. Mas não, trouxemos a armada de volta e, nestes últimos seis meses, temos estado aqui à espera e à espera de que os idiotas assinem. — Brock cuspiu. — Estupidez, uma loucura e uma estupidez. E toda aquela perda de tempo e de dinheiro por este calhau fedorento. Devíamos ter ficado com Chushan. Ora, isso é que é uma ilha que vale a pena ter. — Chushan tinha trinta quilómetros de comprimento e dezasseis de largura, e a sua terra era fértil e rica, além de ter um bom porto e uma grande cidade, Tingshai. — Espaço pra um homem respirar ali, sem dúvida. Ora, de lá, três ou quatro fragatas são capazes de bloquear o Yangtzé num esfregar d'olhos. E quem controla aquele rio controla o coração da China. Era lá que devíamos ficar, por Deus.

— Vocês ainda têm Chushan, Senhor Brock.

— Sim. Mas não foi assinado nenhum raio dum tratado; portanto, não é nossa — contrapôs, batendo os pés contra o vento frio que aumentava.

— Talvez o senhor devesse dizer isso ao Longstaff — disse Cooper. — Ele ouve um bom conselho.

— Não os meus, esses não ouve. Como os senhores bem sabem. Mas ouçam o que vos digo, quando o Parlamento souber do tratado, há de ser um inferno, garanto.

Cooper acendeu um charuto.

— Sinto-me inclinado a concordar. Não deixa de ser um documento impressionante, Senhor Brock. Para os dias de hoje. Quando todas as potências europeias estão ávidas de terras e de poder.

— E vai-me dizer que os Estados Unidos não estão? — O rosto de Brock contraiu-se. — E os vossos índios? A Compra da Luisiana? A Flórida Espanhola? Vocês estão d'olho no México e no Alasca Russo. Os últimos correios diziam que vocês até estão a tentar roubar o Canadá. É verdade?

— O Canadá é americano, não inglês. Não vamos entrar em guerra pelo Canadá... há de se juntar a nós por vontade própria — disse Cooper, escondendo a preocupação.

Puxou pelos bigodes e apertou o casaco em volta dos ombros para se proteger do vento cortante. Sabia que a guerra com o Império Britânico seria desastrosa naquele momento e arruinaria a Cooper-Tillman. *Malditas guerras.* Mesmo assim, sabia que os Estados Unidos teriam de entrar em guerra pelo México e pelo Canadá, a menos que houvesse um acordo. Assim como a Grã-Bretanha tivera de entrar em guerra com a China.

— Não há de haver guerra nenhuma — disse Tillman, tentando acalmar Cooper diplomaticamente. Suspirou e desejou estar de volta ao seu Alabama. *Lá, um homem pode ser um cavalheiro, pensou. Lá, não temos de aturar o raio dos britânicos todos os dias, nem esta escumalha blasfema e desbocada como o Brock, nem com a personificação do próprio demónio como o Struan; nem mesmo com um jovem impetuoso e sócio maioritário como o Jefferson Cooper, que vê Boston como o centro do mundo.* — E esta guerra acabou-se, para o bem ou para o mal.

— Atente bem no que lhe digo, Senhor Tillman — disse Brock. — Este maldito tratado não serve para nós nem para eles. Temos de manter Chushan e abrir portos na China continental. Estaremos outra vez em guerra dentro de algumas semanas. Em junho, quando o vento estiver de feição e o clima também, a frota terá de seguir para norte, para o Pei Ho, novamente. E se estivermos outra vez em guerra, como é que vamos conseguir os chás e as sedas da temporada, hein? No ano passado, quase nada de comércio por conta da guerra... no ano antes, nada de comércio e roubaram-nos o ópio todo, ainda por cima. Oito mil caixas, só as minhas. Dois milhões de taéis de prata que me custaram. Em dinheiro vivo.

— Esse dinheiro não está perdido — disse Tillman. — O Longstaff ordenou-nos que o entregássemos. Em troca das nossas vidas. Ele deu-nos documentos do Governo Britânico. E há um acordo no tratado. Seis milhões de taéis de prata para nos pagar por isso.

Brock riu-se asperamente.

— E os senhores pensam que o Parlamento vai honrar esse papel do Longstaff? Ora, qualquer governo seria posto a andar assim que pedisse a massa para pagar o ópio. E quanto aos seis milhões... hão de ser pra pagar o custo da guerra. Eu conheço o Parlamento melhor do que os senhores. Digam adeus ao vosso meio milhão de taéis, é o conselho que vos dou aos dois. Então, se entrarmos outra vez em guerra este ano, não há de haver comércio, novamente. E se não houver negócio este ano, acabamos todos falidos. Os senhores, eu, todos os comerciantes da China. E até a maldita Casa Nobre.

Sacou o relógio. *A cerimónia devia ter começado há uma hora. O tempo está a esgotar-se, pensou. Sim, mas não para a Brock e Filhos, por Deus. O Dirk teve dezassete anos de boa joss, e agora está na altura de mudar.*

Brock deleitou-se ao pensar no seu segundo filho, Morgan, que controlava com competência — e implacavelmente — todos os seus interesses na Inglaterra. Perguntou a si mesmo se Morgan teria conseguido minar a influência de Struan no Parlamento e nos círculos bancários. *Vamos acabar contigo, Dirk, pensou, e Hong Kong vai atrás.*

— Por que raio é esta demora? — perguntou ele, apressando-se direito ao oficial que não parava de um lado para o outro perto dos fuzileiros navais.

— O que se passa, Jeff? Sabe que ele tem razão a respeito de Hong Kong — disse Tillman. — Já devia saber que não o deve provocar.

Cooper deixou escapar um sorriso.

— Aquele Brock é tão seguro de si. Não pude evitar.

— Se o Brock tiver razão a respeito do meio milhão de taéis, estamos arruinados.

— Sim. Mas o Struan perderá dez vezes mais se não houver pagamento. Ele há de receber, não se preocupe. Como tal, havemos de receber o que nos é devido. — Cooper olhou para Brock. — Acha que ele sabe do nosso acordo com o Struan?

Tillman encolheu os ombros.

— Não faço ideia. Mas o Brock tem razão sobre o tratado. É uma estupidez. Vai custar-nos uma fortuna.

Nos três meses anteriores, a Cooper-Tillman atuara como agentes secretos da Casa Nobre. Navios de guerra britânicos bloqueavam Cantão e o Rio das Pérolas, e os comerciantes britânicos estavam proibidos de negociar. Longstaff — a mando de Struan — impusera o embargo como mais uma

medida para forçar o tratado de paz, ciente de que os armazéns de Cantão estavam a abarrotar com chás e sedas. Mas, como os Estados Unidos não tinham declarado guerra à China, os navios americanos podiam atravessar o bloqueio livremente e zombar dos navios de guerra. Assim sendo, a Cooper-Tillman comprara mil e oitocentas toneladas de chá a Chentse Jin Arn — ou Jin-qua, como era apelidado —, o mais rico dos comerciantes chineses, e enviara-as para Manila, supostamente para comerciantes espanhóis. Depois de um suborno considerável, o oficial espanhol local emitira as licenças de importação e exportação necessárias, e o chá fora transferido, isento de impostos, para os veleiros de Struan e rapidamente enviado para Inglaterra. O pagamento a Jin-qua consistira num carregamento de ópio entregue em segredo por Struan algures na costa mais a norte.

Um plano perfeito, pensou Cooper. Todos ficam mais ricos e obtêm as mercadorias que desejam. Mas teríamos feito uma fortuna se os nossos navios pudessem levar os chás diretamente para Inglaterra. E amaldiçoou os Atos de Navegação Britânicos, que proibiam qualquer navio que não fosse britânico de levar mercadorias para os portos ingleses. *Malditos Ingleses, são donos do mundo.*

— Jeff!

Cooper seguiu o olhar do sócio. Por um instante, não conseguiu entender o que Tillman queria que ele visse no porto apinhado. Então, viu o escaler afastar-se do navio-almirante e, nele, o escocês alto e ruivo, tão poderoso que era capaz de manipular o Parlamento a seu favor e colocar a maior nação do mundo em guerra.

— Seria pedir demais desejar que o Struan se afogasse? — disse Tillman. Cooper riu-se.

— Está enganado a respeito dele, Wilf. Seja como for, o mar nunca se atreveria.

— Talvez se atreva, Jeff. Já está mais do que na altura. Por tudo o que é mais sagrado.



Dirk Struan encontrava-se na proa do escaler, seguindo o movimento das ondas. E embora já estivesse atrasado para a cerimónia, não apressou os seus remadores. Sabia que não haveria cerimónia enquanto não chegasse.

O escaler estava a trezentos metros da costa e o «Manter o curso» do contramestre misturava-se na perfeição com a monção de nordeste. Lá no alto,

o vento ganhava força e arrastava cúmulos do continente sobre a ilha e para o oceano além.

O porto estava pejado de embarcações, todas elas britânicas, à exceção de algumas norte-americanas e portuguesas, navios mercantes de todos os tamanhos. Antes da guerra, os mercantes teriam ancorado em Macau, o pequeno povoado português numa ponta do continente, 65 quilómetros a sudoeste, do outro lado da imensa foz do Rio das Pérolas. Ou ao largo da ilha de Whampoa, 25 quilómetros a sul de Cantão. Este era o ponto mais próximo que, segundo a lei chinesa, qualquer navio europeu tinha permissão para usar nas proximidades de Cantão. Por decreto imperial, todo o comércio europeu encontrava-se restrito a esta cidade. Dizia a lenda que mais de um milhão de chineses viviam dentro das suas muralhas. Mas nenhum europeu sabia ao certo, visto que nenhum alguma vez havia percorrido as suas ruas.

Desde a Antiguidade, os Chineses tinham leis rígidas que excluía os Europeus do seu território. A inflexibilidade destas leis e a falta de liberdade para que os Europeus fossem aonde quisessem e comerciassem como quisessem tinham sido a causa da guerra.

Quando o escaler passou perto de um navio mercante, algumas crianças acenaram a Struan, que retribuiu o gesto. *Será bom para os pequenos terem finalmente a sua própria casa, no seu próprio território*, pensou ele. Quando a guerra começara, todos os cidadãos britânicos haviam sido evacuados para os navios, por uma questão de segurança. Havia aproximadamente cento e cinquenta homens, sessenta mulheres e oitenta crianças. Algumas famílias estavam a bordo de um ou outro navio há já quase um ano.

Em redor dos navios mercantes, cercando-os, estavam os navios de guerra da Força Expedicionária Britânica: navios de linha, outros com 74, 44 e 22 bocas de fogo, brigues, fragatas, uma pequena parte da marinha mais poderosa que o mundo alguma vez conhecera. E dezenas de navios de transporte de tropas com quatro mil soldados britânicos e indianos a bordo, parte do exército mais forte do mundo.

E entre estes navios estavam os belos veleiros do ópio com os seus mastros inclinados, os navios mais velozes alguma vez construídos.

Struan sentiu um quê de excitação ao estudar a ilha com a sua montanha dominante que se elevava quase mil e quinhentos metros acima do mar.

Nunca havia pisado aquela ilha, embora soubesse mais sobre ela do que qualquer homem. Jurara só desembarcar quando fosse propriedade britânica. Agradava-lhe ser tão imperioso. Mas isso não o impedira de enviar os

seus capitães e o seu irmão mais novo, Robb, para inspecioná-la. Conhecía os recifes, as rochas, os vales e as colinas, e sabia onde construiria os seus armazéns, a Casa Grande e onde ficaria a estrada.

Virou-se para olhar para o seu veleiro, o *China Cloud*, com os seus 22 canhões. Todos os veleiros da Struan e Companhia tinham como apelido «Cloud» em homenagem à mãe, uma McCloud, falecida anos antes. Marinheiros pintavam e limpavam uma embarcação já reluzente. Os canhões eram examinados e o cordame testado. A bandeira do Reino Unido tremulava orgulhosamente na popa e a da companhia no topo da mezena.

A bandeira da Casa Nobre era o leão vermelho real da Escócia entrelaçado com o dragão verde imperial da China. Desfraldada em vinte veleiros armados espalhados pelos oceanos do mundo, em cem rápidas lorchas armadas que contrabandeavam ópio na costa. Desfraldada em três enormes navios-depósito de ópio — navios mercantes convertidos que estavam ancorados no porto de Hong Kong. E desfraldada no *Resting Cloud*, o seu vasto navio-sede semi-estacionário, que continha cofres de ouro, escritórios, suites luxuosas e salas de jantar.

És uma bela bandeira, pensou Struan com orgulho.

O primeiro navio a arvorar a sua bandeira fora uma lorch pirata carregada de ópio que ele tomara à força. Piratas e corsários infestavam as costas, pelo que as autoridades chinesas e portuguesas ofereciam uma recompensa em prata pela sua captura. Quando os ventos haviam impedido o contrabando de ópio ou quando não tinha ópio para vender, Straun esquadrinhara os mares da China. Os metais preciosos que ganhara com os piratas, investira-os em ópio.

Maldito ópio, pensou. Mas sabia que a sua vida estava inexoravelmente ligada ao ópio — e que, sem ele, nem a Casa Nobre nem o Império Britânico poderiam existir.

A razão remontava a 1699, quando o primeiro navio britânico negociara pacificamente com a China e levava de volta sedas e, pela primeira vez, essa incomparável erva chamada chá — que só a China no mundo produzia a baixo custo e em abundância. Em troca, o imperador aceitava apenas lingotes de prata. E essa política persistira desde então.

Em cerca de cinquenta anos, o chá tornara-se a bebida mais popular do mundo ocidental — particularmente da Grã-Bretanha, a principal nação comercial do planeta. Em setenta anos, o chá passara a ser a principal fonte de receita tributária interna para o governo britânico. Num século, a

transferência de riquezas para a China havia gravemente desfalcado o tesouro britânico, e o desequilibrado comércio de chá em troca de lingotes de prata era uma catástrofe nacional.

Ao longo do século, a Companhia Britânica das Índias Orientais, a gigantesca empresa semiprivada e semipública que, por Ato do Parlamento, detinha o monopólio total do comércio indiano e asiático, oferecera tudo e mais qualquer coisa com crescente desespero — produtos de algodão, teares, até armas e navios — em lugar de barras de prata. Mas os imperadores haviam imperiosamente recusado. Consideravam a China autossuficiente, desprezavam os «bárbaros», como chamavam a todos os não chineses, e encaravam todas as nações da Terra como nada melhores do que estados vassalos da China.

E então, trinta anos atrás, um navio mercante britânico, o *Vagrant Star*, subira o Rio das Pérolas e ancorara ao largo da Ilha de Whampoa. A sua carga secreta era ópio, que a Bengala Britânica produzia em abundância e com custos irrisórios. Embora fosse usado na China há séculos — mas apenas pelos muito ricos e na província de Yunnan, onde a papoila também florescia —, o ópio era contrabando. A Companhia das Índias Orientais havia clandestinamente licenciado o capitão do *Vagrant Star* para oferecer o ópio. Mas apenas em troca de lingotes de prata. A Guilda Chinesa de Mercadores, que por decreto imperial detinha o monopólio do comércio ocidental, comprara a carga e vendera-a secretamente com grande lucro. O capitão do *Vagrant Star* entregara privadamente os lingotes aos representantes da Companhia em Cantão e recebera os seus lucros em papel-moeda bancário de Londres, correndo de regresso a Calcutá para ir buscar mais ópio.

Struan lembrava-se bem do *Vagrant Star*. Fora grumete a bordo. Fora naquela embarcação que se tornara homem — e conhecera a Ásia. E jurara destruir Tyler Brock, que na altura era o terceiro imediato do *Vagrant Star*. Struan tinha doze anos, Brock dezoito e era muito forte. Brock odiara-o à primeira vista e deliciara-se em encontrar defeitos, cortando-lhe a ração de comida, ordenando-lhe turnos suplementares, mandando-o para a coberta com mau tempo, desafiando-o, provocando-o. Ao menor erro, mandava amarrar Struan ao cordame para ser chicoteado com o gato de nove caudas.

Struan ficara dois anos no *Vagrant Star*. Então, certa noite, o navio fora contra os recifes do Estreito de Malaca e afundara-se. Struan nadara até à costa e seguira para Singapura. Mais tarde, ficara a saber que Brock também sobrevivera, o que o deixara muito feliz. Queria vingança, mas à sua maneira, no seu próprio tempo.

Struan embarcara noutro navio. Por essa altura, a Companhia das Índias Orientais licenciava secretamente muitos capitães-mercadores independentes, cuidadosamente selecionados, e continuava a vender-lhes em exclusivo o ópio de Bengala a preços vantajosos. A Companhia começara a obter lucros enormes e a adquirir vastas quantidades de lingotes de prata. A Guilda Chinesa de Mercadores e os mandarins faziam vista grossa ao comércio ilícito, uma vez que também obtinham enormes lucros. E esses lucros, sendo secretos, não estavam sujeitos ao imposto imperial.

O ópio tornara-se o principal produto comercial. A Companhia rapidamente monopolizara o fornecimento mundial de ópio fora da província de Yunnan e do Império Otomano. Em vinte anos, o valor em lingotes de prata trocados por ópio contrabandeado equivalia ao valor devido pelos chás e sedas.

Por fim, o comércio equilibrara-se. Depois, surgira o desequilíbrio, uma vez que havia vinte vezes mais clientes chineses do que ocidentais, e começara uma impressionante hemorragia de prata que nem mesmo a China podia pagar. A Companhia oferecia outros bens comerciais para conter a maré. Mas o imperador permanecia inflexível: lingotes de prata em troca de chá.

Aos vinte anos, Struan já era capitão-proprietário do seu próprio navio na rota do ópio. Brock era o seu principal rival. Os dois competiam implacavelmente entre si. Em seis anos, Struan e Brock dominavam este comércio.

Os contrabandistas de ópio ficaram conhecidos como «comerciantes da China». Eram um grupo intrépido, resistente e vigoroso de capitães-proprietários individualistas — ingleses, escoceses e alguns americanos — cujo modo de vida era levar casualmente os seus pequenos navios ao encontro de águas e perigos desconhecidos. Faziam-se ao mar para negociar pacificamente: para lucrar, não para conquistar. Mas se encontrassem um mar hostil ou um ato hostil, os seus navios tornavam-se vasos de guerra. E, se não lutassem bem, os seus navios desapareciam e depressa eram esquecidos.

Os comerciantes da China depressa perceberam que, enquanto assumiam todos os riscos, a Companhia ficava com a maior parte do lucro. Além disso, viam-se totalmente excluídos do comércio legítimo — e extremamente lucrativo — do chá e da seda. Assim sendo, embora continuassem a competir ferozmente, sob a persuasão de Struan, começaram a mobilizar-se coletivamente contra a Companhia para quebrar o monopólio desta. Sem este monopólio, os comerciantes poderiam converter ópio em lingotes de prata, os lingotes em chá, e então enviar o chá para Inglaterra e vendê-lo diretamente

aos mercados do mundo. Os comerciantes da China controlariam eles próprios o comércio mundial de chá e os seus lucros tornar-se-iam gigantescos.

O Parlamento tornou-se o seu fórum de agitação. O Parlamento havia concedido à Companhia monopólio exclusivo dois séculos antes, e apenas o Parlamento o poderia retirar. Como tal, os comerciantes da China apostavam alto, comprando votos, apoiando membros do Parlamento que acreditavam na livre concorrência e no livre comércio, escrevendo a jornais e a membros do governo. Eram homens decididos e, à medida que a sua riqueza aumentava, também aumentava o seu poder. Eram pacientes, tenazes e indomáveis — como apenas podem ser os homens treinados pelo mar.

A Companhia estava furiosa com os insurgentes e relutante em perder o seu monopólio. Mas precisava desesperadamente dos comerciantes da China para fornecer os lingotes para pagar os chás e, por essa altura, dependia fortemente das enormes receitas da venda do ópio de Bengala. Como tal, reagiu cautelosamente no Parlamento. O Parlamento encontrava-se igualmente encurralado. Condenava a venda de ópio, mas precisava das receitas dos chás e do Império Indiano. Tentava ouvir os comerciantes da China e a Companhia, mas não satisfazia nenhum dos lados.

Como tal, a Companhia decidira usar Struan e Brock, os seus principais antagonistas, como exemplo. Revogara-lhes as licenças de ópio.

Brock ficara com o seu navio, Struan sem nada. Brock fizera uma parceria secreta com outro comerciante da China e continuara a agitar as águas. Struan e a sua tripulação abateram-se sobre um refúgio pirata a sul de Macau, devastando-o por completo e ficando-lhe com a lorchá mais rápida. Depois, transformara-se num traficante clandestino de ópio para outros comerciantes e, implacavelmente, tomara mais navios piratas e ganhara cada vez mais dinheiro. Em consórcio com os outros comerciantes da China, apostara cada vez mais, comprando cada vez mais votos e continuando a assediar e exortar, até o Parlamento clamar pela destruição total da Companhia. Sete anos antes, o Parlamento aprovara a lei que eliminava o monopólio da Companhia na Ásia e o abria ao livre comércio. Mas permitira que a Companhia mantivesse o direito exclusivo de negociar com a Índia Britânica — e o monopólio mundial do ópio. O Parlamento condenava a venda de ópio. A Companhia não queria negociar com ópio. Os próprios comerciantes da China teriam preferido outra mercadoria, embora igualmente lucrativa. Mas todos sabiam que sem o equilíbrio entre chá, lingotes de prata e ópio, o Império ficaria arruinado. Era uma realidade no comércio mundial.

Agora com liberdade para mercar, Struan e Brock tornaram-se verdadeiros príncipes mercadores. As suas frotas armadas expandiram-se. E a rivalidade aguçou ainda mais a inimizade.

Para preencher o vácuo político deixado na Ásia quando o controlo da Companhia foi anulado e o comércio liberalizado, o governo britânico nomeou um diplomata, o Honorável William Longstaff, como Capitão Superintendente do Comércio para proteger os seus interesses. Os interesses da Coroa consistiam num volume de comércio cada vez maior — para obter mais receita tributária — e a exclusão continuada de todas as outras potências europeias. Longstaff era responsável pela segurança do comércio e dos cidadãos britânicos, mas o seu mandato era vago e não tinha poder real para impor uma política.

Pobre Willie, pensou Struan sem malícia. *Mesmo com todas as minhas pacientes explicações nestes últimos sete anos, a nossa «exaltada» Excelência, o Capitão Superintendente do Comércio, ainda não consegue ver a sua própria mão diante do rosto.*

Struan olhou para a praia enquanto o sol vencia a crista das montanhas e banhava os homens ali reunidos com uma luz repentina: amigos e inimigos, todos rivais. Virou-se para Robb.

— Não dirias que temos ali uma comissão de boas-vindas? — Todos os seus anos longe da Escócia não lhe haviam apagado completamente o sotaque.

Robb Struan riu-se baixinho e ajeitou o chapéu de feltro num ângulo mais fechado.

— Eu diria que todos esperam que a gente se afogue, Dirk.

Robb tinha 33 anos, cabelo escuro, cara escanhoad, olhos fundos, nariz fino e um valente par de suíças. As roupas eram pretas, com a exceção de uma capa de veludo verde, camisa branca de folhos e gravata branca. Os botões de punho e da camisa eram rubis.

— Meu Deus, aquele é o Capitão Glessing? — perguntou, também ele a olhar para a praia.

— Sim — respondeu Struan. — Pareceu-me apropriado que fosse ele a ler a proclamação.

— O que disse o Longstaff quando sugeriste tal coisa?

— «Dou-lhe a minha palavra, Dirk, pode ser; se lhe parece sensato.» — Struan sorriu. — Por Deus, fizemos um longo caminho desde que começámos!

— *Tu* fizeste, Dirk. Já estava tudo pronto quando cheguei.

— Tu és o cérebro, Robb. Eu sou apenas o músculo.

— Sim, Tai-Pan. Apenas o músculo. — Robb sabia muito bem que o seu meio-irmão era Tai-Pan da Struan e Companhia, e que na Ásia Dirk Struan era o Tai-Pan. — Belo dia para o hastear da bandeira, não?

— Sim.

Robb ficou a vê-lo voltar-se de novo para a praia. Parecia tão grande, ali de pé na proa, maior do que as montanhas e tão duro quanto elas. *Quem me dera ser como ele*, pensou.

Robb só contrabandeara ópio uma vez, logo após a sua chegada ao Oriente. O navio deles fora atacado por piratas chineses e Robb ficara apavorado. Ainda sentia vergonha, embora Struan tivesse dito: «Não há mal nenhum nisso, rapaz. A primeira vez em batalha é sempre má». Mas Robb sabia que não era um lutador, nem corajoso. Servia o meio-irmão de outras maneiras. A comprar chás, sedas e ópio. A obter empréstimos e a vigiar os lingotes de prata. A fazer por entender os procedimentos modernos, cada vez mais complicados, do comércio e do financiamento internacionais. A proteger o irmão, a Companhia e a frota, mantendo-os seguros. A vender chás em Inglaterra. A cuidar da contabilidade e a fazer todas as coisas que mantinham uma companhia moderna a funcionar. *Sim*, disse Robb a si mesmo, *mas sem o Dirk não é nada*.

Struan observava os homens na praia. O escaler ainda se encontrava a duzentos metros da costa, mas ele conseguia ver os rostos claramente. A maioria olhava para o escaler. Struan sorriu para consigo.

Sim, pensou. *Estamos todos aqui neste dia do destino.*



O Capitão Glessing, oficial da Marinha, aguardava pacientemente o início da cerimónia do hastear da bandeira. Tinha 26 anos, era capitão de um navio de linha, filho de um vice-almirante, e a Marinha Real Britânica estava-lhe no sangue. A praia clareava rapidamente e, no horizonte oriental ao longe, o céu estava riscado de nuvens.

Vamos ter uma tempestade dentro de poucos dias, pensou Glessing, sentindo o sabor do vento. Desviou os olhos de Struan e verificou automaticamente a posição do seu navio, uma fragata de 22 canhões. Tratava-se de um dia monumental na sua vida. Não era todos os dias que novas terras eram tomadas em nome da rainha, e ter o privilégio de ler a proclamação era uma sorte para a sua carreira. Havia muitos capitães na armada mais antigos do que

ele. Mas ele sabia que havia sido escolhido porque estava naquelas águas há mais tempo, e o seu navio, o HMS *Mermaid*, estivera fortemente envolvido em toda a campanha. *Não foi uma campanha*, pensou com desprezo. *Mais um incidente. Podia ter sido resolvido há dois anos se aquele idiota do Longstaff tivesse tido a coragem. Sem dúvida, se me tivesse sido permitido levar a minha fragata até às portas de Cantão. Raios, afundei uma frota inteira de juncos de guerra, e o caminho estava livre. Podia ter bombardeado Cantão e apanhado aquele demónio pagão, o Vice-Rei Ling, e depois enforcava-o na verga grande.*

Glessing deu um pontapé na areia, irritado. *Não é que me importe que os pagãos roubem o maldito ópio. É perfeitamente justo querer acabar com o contrabando. Trata-se do insulto à bandeira. Vidas inglesas postas em causa por demónios pagãos! O Longstaff devia ter-me permitido prosseguir de imediato. Mas não. Recuou docilmente e evacuou todos para a frota mercante e depois manietou-me. A mim, por Deus, que tinha de proteger toda a frota mercante. Malditos sejam os seus olhos! E maldito seja Struan, que o traz preso pelo nariz.*

Bem, acrescentou para consigo, mesmo assim, tens a sorte de estar aqui. *Esta é a única guerra que temos de momento. Pelo menos, a única guerra marítima. As outras são meros incidentes: a simples tomada dos estados pagãos indianos — por Deus, eles adoram vacas, queimam viúvas e curvam-se diante de ídolos — e as guerras afegãs.* E sentiu uma onda de orgulho por fazer parte da maior armada da Terra. Graças a Deus, nascera inglês!

De repente, viu Brock aproximar-se e ficou aliviado ao vê-lo intercetado por um homem baixo, gordo e sem pescoço, na casa dos trinta, com uma barriga enorme que transbordava das calças. Era Morley Skinner, proprietário do *Oriental Times*, o mais importante dos jornais ingleses no Oriente. Glessing lia todas as edições. Era bem escrito. *É importante ter um bom jornal*, pensou. *É importante ter campanhas bem registadas para a glória da Inglaterra. Mas este Skinner é um homem repugnante. E todos os outros. Bem, nem todos. Não o velho Aristotle Quance.*

Olhou para o homenzinho feio sentado sozinho num banco de areia com vista para a praia, num banquinho diante de um cavalete, obviamente a pintar. Glessing riu-se baixinho, lembrando-se dos bons momentos que passara com o pintor em Macau.

Além de Quance, Glessing não gostava de ninguém naquela praia, exceto Horatio Sinclair. Horatio tinha a mesma idade que ele, e Glessing ficara a conhecê-lo muito bem nos dois anos que estivera no Oriente. Horatio também era um auxiliar de Longstaff, seu intérprete e secretário — o único inglês no Oriente que falava e escrevia chinês fluentemente —, pelo que tinham trabalhado juntos.

Glessing examinou a praia e viu, contrariado, que Horatio estava junto à água a conversar com um austríaco, Wolfgang Mauss, um homem que ele desprezava. O Reverendo Mauss era o único outro europeu no Oriente que sabia escrever e falar chinês. Era um homem enorme, de barba preta — um sacerdote renegado, intérprete de Struan e traficante de ópio. Tinha pistolas no cinto, e as abas da sua sobrecasaca apresentavam-se bolorentas. O nariz era vermelho e batatudo, e os longos cabelos preto-acinzentados, emaranhados e desgrenhados como a barba. Os poucos dentes que lhe restavam eram castanhos e estavam partidos, e os olhos dominavam o aspeto grosseiro daquele rosto.

Que contraste com o Horatio, pensou Glessing. Horatio era louro, frágil e asseado como Nelson, de quem recebera o nome — por conta de Trafalgar e do tio que ali perdera.

Incluído na conversa estava um eurasiático alto e ágil, um jovem que Glessing conhecia apenas de vista: Gordon Chen, o bastardo de Struan.

Por Deus, pensou Glessing, *como é que ingleses são capazes de exibir os seus bastardos mestiços tão abertamente? E este, vestido como todos estes malditos pagãos, com uma longa túnica e uma maldita trança caída nas costas. Valha-me Deus! Se não fossem os olhos azuis e a pele clara, nem se percebia que tinha sangue inglês. Por que diabos não corta ele o cabelo como um homem? Que nojo!*

Glessing virou-se de costas para eles. *Imagino que o mestiço não faça mal, não é sua culpa. Mas aquele maldito Mauss é má companhia. Má para o Horatio e má para a irmã dele, a querida Mary. Ora, aí está uma jovem que vale a pena conhecer! Daria uma boa esposa, por Deus.*

Hesitou no seu caminhar. Era a primeira vez que realmente considerava Mary como uma possível companheira.

Porque não? perguntou a si mesmo. *Já a conheces há dois anos. Ela pertence à nata de Macau. Toma impecavelmente conta da casa Sinclair e trata o Horatio como um príncipe. A comida é a melhor da cidade e ela sabe ter mão na criadagem. Toca cravo como um sonho e canta como um anjo, por Deus. E é óbvio que gosta de ti... por que outro motivo terias um convite aberto para jantar sempre que tu e o Horatio estiverem em Macau? Então, porque não como esposa, hein? Mas ela nunca esteve na pátria. Passou a vida inteira entre pagãos. Não tem renda. Os pais morreram. Mas isso que importa? O Reverendo Sinclair era respeitado em toda a Ásia quando vivo, e a Mary é linda e tem apenas vinte anos. As minhas perspectivas são excelentes. Ganho quinhentas libras por ano e acabarei por herdar a mansão e as terras. Por Deus, ela pode ser a mulher certa para mim. Podíamos casar em Macau, na igreja inglesa, arrendar uma casa até ao fim desta comissão e depois*

regressávamos à pátria. Quando chegar a altura, direi ao Horatio: «Horatio, meu velho, há uma coisa sobre a qual quero conversar...»

— Qual é a razão desta demora, Capitão Glessing? — A voz áspera de Brock interrompeu o seu devaneio. — Oito toques eram a hora para hastear a bandeira e já se passou uma hora.

Glessing virou-se para trás. Não estava acostumado a um tom de voz beligerante vindo de alguém que não fosse, pelo menos, um vice-almirante.

— A bandeira é hasteada, Senhor Brock, quando acontece uma de duas coisas: quando Sua Excelência desembarca, ou quando temos um tiro de canhão como sinal do navio-almirante.

— E quando será isso?

— Vejo que ainda não está totalmente representado.

— Está a falar do Struan?

— Claro que estou. Ele não é o Tai-Pan da Casa Nobre?

Glessing disse isto deliberadamente, ciente de que irritaria Brock. Depois, acrescentou:

— Sugiro que se arme de paciência. Ninguém deu ordem para que nenhum de vocês, mercadores, desembarcasse.

Brock corou.

— É melhor que aprenda a diferença entre comerciantes e mercadores. — Passou de uma bochecha para a outra o tabaco que tinha na boca e cuspiu nas pedras ao lado dos pés de Glessing. Algumas gotas de cuspo mancharam o polimento dos sapatos com fivelas de prata. — Com a sua licença — acrescentou com falsa humildade e afastou-se.

O rosto de Glessing transformou-se em pedra. Não fosse o «Com sua licença», tê-lo-ia desafiado para um duelo. *Sujeitinho ordinário e rasteiro*, pensou, cheio de desprezo.

— Com a sua licença, senhor — disse o mestre de armas, com uma continência —, sinal do navio-almirante.

Glessing semicerrou os olhos contra o vento cortante. As bandeiras de sinalização diziam: «Todos os capitães devem apresentar-se a bordo aos quatro toques». Na noite anterior, Glessing estivera presente numa reunião privada entre o almirante e Longstaff. O almirante dissera que o contrabando de ópio era a causa de todos os problemas na Ásia.

— Que raio, senhor, eles não têm nenhuma noção de decência — explodira ele. — Só pensam em dinheiro. Se abolirmos o ópio acabam-se os

malditos problemas com os malditos pagãos e com os malditos mercadores. A Marinha Real Britânica fará cumprir as vossas ordens, por Deus!

E Longstaff concordara, com razão.

Imagino que a ordem seja anunciada hoje, pensou Glessing, com dificuldade em conter a sua alegria. *Excelente. Já não era sem tempo. Será que o Longstaff acabou de dizer ao Struan que vai dar a ordem?*

Olhou para trás, para o escalor que se aproximava lentamente. Struan fascinava-o. Admirava-o e detestava-o — o capitão que havia enganado navios em todos os oceanos do mundo, que levava à desgraça homens, companhias e navios para glória da Casa Nobre. *Tão diferente do Robb*, pensou Glessing; *eu gosto do Robb*.

Não conseguiu impedir um estremecimento. Talvez houvesse alguma verdade nas histórias sussurradas pelos marinheiros dos mares da China, histórias de que Struan adorava o Diabo em segredo e que, em troca, o Diabo lhe dera poder na Terra. De que outra forma um homem da sua idade poderia parecer tão jovem e ser tão forte, com dentes brancos, cabelos longos e os reflexos de um jovem, quando a maioria dos homens estaria enferma, esgotada e à beira da morte? Os Chineses tinham pavor de Struan, era garantido. «Velho Diabo-Rato de Olhos Verdes» era o que lhe chamavam, e ofereciam uma recompensa pela sua cabeça. Todos os europeus tinham a cabeça a prêmio. Mas a recompensa pelo Tai-Pan era de cem mil taéis de prata. Morto. Visto que ninguém o apanharia vivo.

Irritado, Glessing tentou mexer os dedos nos sapatos de fivela. Os pés doíam-lhe e ele sentia-se desconfortável no uniforme trançado a ouro. *Maldita demora! Maldita ilha, mais este porto, e que desperdício de bons navios e de bons homens*. Lembrou-se do que o seu pai dizia: «Malditos civis. Só pensam em dinheiro ou poder. Não têm nenhuma noção de honra, nenhuma. Cuidado, meu filho, quando houver um civil no comando. E não se esqueça de que até Nelson tinha de levar o telescópio ao seu olho cego quando havia um idiota no comando.» *Como é que um homem como o Longstaff pode ser tão estúpido? O homem vem de uma boa família, é instruído — o pai era diplomata na corte da Espanha. Ou seria de Portugal?*

E por que motivo convenceu o Struan o Longstaff a acabar com a guerra? Sem dúvida, teremos um porto capaz de ancorar as frotas do mundo. Mas o que mais?

Glessing estudou os navios no porto. O navio de 22 bocas de fogo de Struan, o *China Cloud*. O *White Witch*, também ele de 22 canhões, orgulho da frota de Brock. E o brigue americano da Cooper-Tillman, de 20 canhões, o

Princess of Alabama. Beldades, todos eles. Ora, valeria a pena enfrentá-los a todos, pensou. Sei que era capaz de afundar o americano. O Brock? Difícil, mas sou melhor do que o Brock. O Struan?

Glessing ponderou uma batalha naval com Struan. Então, deu-se conta de que tinha medo de Struan. E, por causa desse mesmo medo estava a transbordar de raiva e farto da ideia de que Struan, Brock, Cooper e todos os comerciantes da China não eram piratas.

Por Deus, jurou a si mesmo, assim que a ordem for oficial, liderarei uma flotilha que correrá com eles todos das águas.



Aristotle Quance estava sentado, taciturno, diante da pintura inacabada no seu cavalete. Era um homem pequeno, de cabelos preto-acinzentados. As suas roupas, com as quais era incrivelmente meticuloso, seguiam a última moda: calças cinzentas justas, meias de seda branca e sapatos pretos com laços. Colete de cetim cor de pérola e sobrecasaca de lã preta. Colarinho alto, gravata e alfinete de pérola. Meio inglês e meio irlandês, era, aos 58 anos, o europeu mais velho do Oriente.

Tirou os óculos com armações de ouro e começou a limpá-los com um imaculado lenço de renda francesa.

Muito me custa ver este dia, pensou. Maldito Dirk Struan. Não fosse por ele, não haveria nenhuma maldita Hong Kong

Sabia que estava a testemunhar o fim de uma era. *Hong Kong destruirá Macau, pensou. Roubará todo o comércio. Todos os tai-pans ingleses e americanos transferirão as suas sedes para cá. Não de viver e construir aqui. Depois, virão todos os funcionários portugueses. E todos os chineses que vivem dos ocidentais e do comércio ocidental. Bem, eu nunca hei de viver aqui, jurou. Terei de vir cá trabalhar de vez em quando para ganhar dinheiro, mas Macau sempre será o meu lar.*

Macau fora o seu lar durante mais de trinta anos. Apenas ele, entre todos os europeus, via o Oriente como seu lar. Todos os outros vinham por alguns anos e depois partiam. Só os que morriam ficavam. Mesmo assim, se pudessem, previam nos testamentos que os seus corpos fossem enviados de volta a «casa».

Serei enterrado em Macau, graças a Deus, disse para consigo. Passei lá momentos tão bons, todos nós passámos. Mas tudo isso se acabou. Maldito seja o Imperador da China! Que tolo, destruir uma estrutura tão habilmente construída há um século.

Estava tudo a correr tão bem, pensou Quance com amargura, mas agora acabou-se. Agora, ficamos com Hong Kông. E agora que o poderio de Inglaterra se comprometeu com o Oriente e os comerciantes provaram o gostinho do poder, não se contentarão apenas com Hong Kông.

— Bem — disse ele involuntariamente em voz alta —, o imperador há de colher o que semeou.

— Porquê tão taciturno, Senhor Quance?

Quance colocou os óculos. Morley Skinner estava de pé junto ao estrado.

— Não taciturno, meu jovem. Triste. Os artistas têm o direito, sim, a obrigação, de ficar tristes.

Pôs de parte a pintura inacabada e colocou uma folha de papel em branco no cavalete.

— Concordo plenamente, concordo plenamente. — Skinner subiu para o estrado com alguma dificuldade, os seus olhos castanho-claros da cor dos restos de cerveja velha. — Só queria saber a sua opinião sobre este dia memorável. Vou lançar uma edição especial. Sem algumas palavras do nosso cidadão mais velho, a edição não estaria completa.

— Precisamente, Senhor Skinner. Pode dizer: «O Senhor Aristotle Quance, nosso principal artista, *bon vivant* e estimado amigo, recusou-se a fazer uma declaração, visto que se encontrava em pleno processo de criação de mais uma obra-prima.» — Cheirou uma pitada de rapé e espirrou copiosamente. Então, com o lenço, limpou o excesso de rapé da sobrecasaca e as manchas do espirro na folha diante si. — Tenha um bom dia. — Mais uma vez, concentrou-se no papel. — O senhor está a perturbar a imortalidade.

— Sei exatamente como se sente — disse Skinner com um assentir solidário. — Exatamente como se sente. Sinto o mesmo quando tenho algo de importante para escrever. — Afastou-se lentamente.

Quance não confiava em Skinner. Ninguém confiava. Pelo menos ninguém que tivesse um esqueleto no seu passado, e todos ali tinham algo que queriam esconder. Skinner gostava de ressuscitar o passado.

O passado. Quance pensou na sua mulher e estremeceu. *Grandes trovões da morte! Como pude ser estúpido a ponto de pensar que aquele monstro irlandês poderia ser uma digna companheira? Graças a Deus, está de volta àquele repugnante atoleiro irlandês, para nunca mais escurecer o meu firmamento. As mulheres são a causa de todas as tribulações do homem. Bem, acrescentou cautelosamente, nem todas as mulheres. Não a querida Maria Tang. Ah, ora, essa é uma moçoila deliciosa, sem tirar nem pôr. E se existe*

alguém que conhece uma mistura impecável de portuguesa e chinesa, és tu, meu caro e inteligente Quance. Raios, tive uma vida maravilhosa.

E deu-se conta de que, embora estivesse a presenciar o fim de uma era, também fazia parte de uma nova. Agora, tinha uma nova história para testemunhar e registar. Novos rostos para desenhar. Novos navios para pintar. Uma nova cidade para perpetuar. E novas raparigas para namoriscar e novos traseiros para beliscar.

— Triste? Nunca! — rugiu ele. — Mãos à obra, Aristotle, seu velho gaiteiro!



Os que estavam na praia e ouviram Quance riram-se entre si. Ele era extremamente popular e a sua companhia era requisitada. E gostava de falar sozinho.

— O dia não estaria completo sem o caro e velho Aristotle — disse Horatio Sinclair com um sorriso.

— Sim. — Wolfgang Mauss coçou os piolhos da barba. — É tão feio que quase lhe adoça as feições.

— O Senhor Quance é um grande artista — disse Gordon Chen. — Como tal, é belo.

Mauss virou-se para encarar o eurasiático.

— A palavra é «bem-parecido», rapaz. Será que te ensinei durante anos para que ainda não saibas a diferença entre «belo» e «bem-parecido», hein? E ele não é um grande artista. O seu estilo é excelente e é meu amigo, mas não tem a magia de um grande mestre.

— Eu quis dizer «belo» no sentido artístico, senhor.

Horatio viu um lampejo momentâneo de irritação percorrer Gordon Chen. *Pobre Gordon*, pensou, com pena dele. *Nem de um mundo nem de outro. A tentar desesperadamente ser inglês, mas com uma túnica e um rabicho chinês.* Embora todos soubessem que ele era filho bastardo do Tai-Pan com uma prostituta chinesa, ninguém o reconhecia abertamente — nem mesmo o próprio pai.

— Considero a sua pintura maravilhosa — disse Horatio numa voz branda. — E a ele também. Estranho como todos o adoram, e mesmo assim o meu pai desprezava-o.

— Ah, o seu pai — disse Mauss. — Ele era um santo entre os homens. Tinha elevados princípios cristãos, não como nós, pobres pecadores. Que a sua alma encontre o eterno descanso.

Não, pensou Horatio. Que a sua alma arda no fogo do inferno para sempre.

O Reverendo Sinclair fizera parte do primeiro grupo de missionários ingleses a estabelecer-se em Macau, cerca de trinta anos antes. Ajudara na tradução da Bíblia para o chinês e fora um dos professores da escola inglesa fundada pela missão. Fora honrado como um cidadão preeminente durante toda a vida — exceto pelo Tai-Pan — e, quando falecera, sete anos antes, fora sepultado como um homem santo.

Horatio conseguia perdoar o pai por ter levado a mãe a uma morte prematura, pelos elevados princípios que lhe haviam concedido uma abordagem mesquinha e tirânica da vida, pelo fanatismo da sua adoração a um Deus aterrorizante, pela obstinação obsessiva do seu zelo missionário e por todas as sovas que infligira ao filho. Mas, mesmo depois de todo aquele tempo, nunca lhe poderia perdoar pelas sovas que dera a Mary, nem pelas pragas que lançara contra o Tai-Pan.

Fora o Tai-Pan quem encontrara a pequena Mary quando, com seis anos, ela fugira apavorada. Tinha-a acalmado e levado para casa, para o pai, avisando-o de que, se voltasse a tocar-lhe com um dedo que fosse, o arrancaria do púlpito e o chicotearia pelas ruas de Macau. Horatio venerava o Tai-Pan desde então. As sovas haviam cessado, mas houvera outros castigos. Pobre Mary.

Ao pensar em Mary, o seu coração acelerou e ele olhou para o navio-almirante onde tinham o seu lar temporário. Sabia que ela estaria atenta à praia e que, tal como ele, estava a contar os dias até que estivessem em segurança de regresso a Macau. Apenas 65 quilómetros de distância a sul, mas tão longe. Ele vivera todos os seus 26 anos em Macau, com a exceção de alguns estudos em casa, na Inglaterra. Odiara a escola, tanto em casa como em Macau. Odiara ser ensinado pelo pai; tentara desesperadamente agradar-lhe, mas nunca conseguira. Não como Gordon Chen, que fora o primeiro rapaz eurasiático aceite na escola de Macau. Gordon Chen era um aluno brilhante e sempre conseguira satisfazer o Reverendo Sinclair. Mas Horatio não o invejava: Mauss fora o torturador de Gordon Chen. Para cada sova que o seu pai lhe dera, Mauss dera três a Gordon Chen. Mauss também era missionário; ensinara Inglês, Latim e História.

Horatio aliviou a tensão que sentia nos ombros. Viu que Mauss e Gordon Chen estavam de novo a olhar fixamente para o escaler, e perguntou a si mesmo por que razão Mauss se havia mostrado tão duro com o rapaz na escola — porque lhe teria exigido tanto. Supunha que fosse porque Wolfgang odiava o Tai-Pan. Porque o Tai-Pan o via como ele realmente era e oferecia-lhe dinheiro e o posto de intérprete em viagens de contrabando de ópio pela costa. Em troca de permitir que Wolfgang distribuísse bíblias e panfletos em chinês e pregasse aos pagãos onde quer que o navio parasse — mas apenas depois de concluído o comércio do ópio. Supunha que Wolfgang se desprezava por ser um hipócrita e cúmplice de tal maldade. Porque se via forçado a fingir que os fins justificavam os meios quando sabia que não.

És um homem estranho, Wolfgang, pensou ele. Lembrou-se da sua ida à Ilha de Chushan no ano anterior, quando esta estava ocupada. Com a aprovação do Tai-Pan, Longstaff nomeara Mauss magistrado temporário para fazer prevalecer a lei marcial e a justiça britânica.

Contrariando os costumes, foram emitidas em Chushan ordens severas que proibiam quaisquer saques e pilhagens. Mauss concedera a todos os saqueadores — chineses, indianos, ingleses — um julgamento justo e aberto e, em seguida, sentenciara todos e cada um deles à forca, usando as mesmas palavras: «*Gott im Himmel*, perdoai este pobre pecador. Enforcuem-no». Em breve, as pilhagens cessaram.

Uma vez que Mauss era dado a perder-se em recordações no tribunal entre os enforcamentos, Horatio descobrira que ele fora casado três vezes, todas elas com uma inglesa; que as duas primeiras haviam morrido de disenteria e a atual estava mal. Que, embora Mauss fosse um marido devotado, o Diabo ainda o tentava, com sucesso, com os prostíbulos e as adegas de *gin* em Macau. Que Mauss aprendera chinês com os pagãos de Singapura, para onde fora enviado como jovem missionário. Que vivera vinte dos seus quarenta anos na Ásia e nunca voltara à pátria durante todo esse tempo. Que agora andava com pistolas porque «Nunca se sabe, Horatio, quando um desses demónios pagãos vai querer matar-nos, ou quando os piratas pagãos vão tentar roubar-nos». Que considerava todos os homens pecadores, ele próprio acima de todos. E que o seu único objetivo na vida era converter os pagãos e fazer da China uma nação cristã.

— O que lhe vai na mente? — interrompeu os pensamentos de Horatio. Viu que Mauss o observava.

— Ah, nada — respondeu rapidamente. — Apenas estava... a pensar.

Mauss coçou a barba, também ele pensativo.

— Também eu. Hoje é um dia para pensar, hein? Nada na Ásia voltará a ser o mesmo.

— Não. Creio que não. O senhor vai mudar-se de Macau? Vai construir aqui?

— Sim. Será bom ter terras, ter o nosso próprio solo longe daquela fossa papista. A minha esposa há de gostar disso. Mas eu? Eu, não sei. O meu lugar é ali — acrescentou Mauss, tomado pela saudade, e agitou o punho enorme na direção do continente.

Horatio viu os olhos de Mauss aprofundarem-se ao contemplar a distância. *Porque é que a China é tão fascinante?* perguntou a si mesmo.

Examinou a praia com cansaço, ciente de que não havia resposta. *Quem me dera ser rico. Não tão rico quanto o Tai-Pan ou o Brock. Mas rico o suficiente para construir uma bela casa, receber todos os comerciantes e levar a Mary numa luxuosa viagem de volta a casa, pela Europa.*

Ele gostava de ser intérprete de Sua Excelência e seu secretário particular, mas precisava de mais dinheiro. Havia que ter dinheiro neste mundo. Mary devia ter vestidos de baile e diamantes. Sim. Mas mesmo assim, estava feliz por não ter de ganhar o pão de cada dia como os mercadores. Os mercadores tinham de ser implacáveis, demasiado implacáveis, e aquela vida era demasiado precária. Muitos que hoje se achavam ricos estariam falidos passado um mês. Um navio perdido e podiam ver-se apagados do mapa. Até a Casa Nobre tinha prejuízos ocasionais. O seu navio *Scarlet Cloud* já estava com um mês de atraso, talvez tivesse o casco danificado, de querena e a ser reequipando nalguma ilha desconhecida entre a China e a Terra de Van Diemen, duas mil milhas fora da rota. Mais provável era que estivesse no fundo do mar com meio milhão de guinéus em ópio nas entranhas.

E as coisas que um mercador tinha de fazer, a homens e amigos, só para sobreviver, quanto mais prosperar. Terrível.

Viu o olhar de Gordon Chen fixo no escaler e perguntou a si mesmo o que ele estaria a pensar. *Deve ser terrível ser mestiço. Imagino que, verdade seja dita, ele também odeia o Tai-Pan, mesmo que finja o contrário. Eu odiaria...*



Os pensamentos de Gordon Chen estavam no ópio, e ele abençoava-o. *Sem ópio, não haveria Hong Kong — e Hong Kong, pensava ele, exultante, é a mais*

fantástica oportunidade de ganhar dinheiro que eu alguma vez poderia ter, e o golpe de joss mais inacreditável para a China.

Se não houvesse ópio, disse a si mesmo, não haveria comércio com a China. Se não houvesse comércio com a China, o Tai-Pan nunca teria tido o dinheiro para comprar a minha mãe ao bordel e eu nunca teria nascido. O ópio pagou a casa que meu pai deu à minha mãe anos atrás em Macau. O ópio pagou a nossa comida e as nossas roupas. O ópio pagou a minha educação e os meus tutores ingleses e chineses, pelo que hoje sou o jovem mais bem instruído do Oriente.

Olhou para Horatio Sinclair, que observava a praia com o cenho franzido. Sentiu uma pontada de inveja por Horatio ter sido mandado para Inglaterra, para a escola. Gordon nunca tinha estado lá.

Mas pôs de parte a inveja. *Irei mais tarde*, prometeu a si mesmo, alegremente. *Dentro de alguns anos.*

Voltou-se para observar novamente o escaler. Adorava o Tai-Pan. Nunca chamara «pai» a Struan e este nunca lhe chamara «meu filho». Para dizer a verdade, falara com ele apenas umas vinte ou trinta vezes na vida. Mas tentava fazer com que o pai se orgulhasse muito dele e sempre pensava secretamente nele como «pai». Abençoou-o novamente por ter vendido a sua mãe a Chen Sheng como terceira esposa. *A minha joss tem sido enorme*, pensou.

Chen Sheng era comprador da Casa Nobre e quase um pai para Gordon Chen. Um comprador era o agente chinês que comprava e vendia em nome de um estabelecimento estrangeiro. Cada item, grande ou pequeno, passava pelas mãos do comprador. Por costume, este adicionava uma percentagem a cada item, que se tornava então o seu lucro pessoal. Mas os seus ganhos dependiam do sucesso da sua casa, e cabia-lhe a ele cobrir dívidas incobráveis. Como tal, tinha de ser muito cauteloso e inteligente se quisesse enriquecer.

Ah, pensou Gordon Chen, ser tão rico quanto o Chen Sheng! Ou melhor ainda, tão rico quanto o Jin-qua, tio de Chen Sheng. Sorriu para si mesmo, achando engraçado que os britânicos tivessem tanta dificuldade com os nomes chineses. O verdadeiro nome de Jin-qua era Chen-tse Jin Arn, mas nem mesmo o Tai-Pan, que conhecia Chen-tse Jin Arn há quase trinta anos, conseguia pronunciar este nome. Como tal, anos antes, o Tai-Pan passara a chamar-lhe «Jin». O «qua» era uma pronúncia deficiente da palavra chinesa que significava «Sr.».

Gordon Chen sabia que os Chineses não davam importância a eventuais alcunhas. Isso apenas os divertia, sendo para eles mais um exemplo daquela bárbara falta de cultura. Lembrou-se de anos antes, quando criança,

observar Chen-tse Jin Arn e Chen Sheng secretamente através de um buraco no muro do jardim enquanto os dois fumavam ópio. Ouvira-os fazer pouco de Sua Excelência: os mandarins de Cantão haviam alcunhado Longstaff como «Pénis Odioso», que era um trocadilho com o seu nome, e os caracteres chineses da tradução cantonesa haviam sido usados em cartas oficiais endereçadas a Longstaff durante mais de um ano, até que Mauss o contara a Longstaff e pusera fim a uma piada deliciosa.

Olhou disfarçadamente para Mauss. Respeitava-o por ser um professor implacável e era-lhe grato por obrigá-lo a ser o melhor aluno da escola. Mas desprezava-o pela sua imundície, pelo seu fedor e pela sua crueldade.

Gordon Chen gostara de frequentar a escola da missão, de aprender e de ser uma daquelas crianças. Mas um dia descobrira que era diferente dos colegas. À frente dos outros, Mauss tinha-lhe dito o que significavam as palavras «bastardo», «ilegítimo» e «mestiço». Gordon Chen fugira para casa horrorizado. E vira a sua mãe claramente pela primeira vez, e desprezara-a por ser chinesa.

Aprendera então com ela, entre lágrimas, que era bom ser chinês, mesmo que só em parte, visto que os Chineses eram a raça mais pura da Terra. E ficara a saber que o Tai-Pan era seu pai.

— Mas porque vivemos aqui, então? Porque é que o Chen Sheng é o «pai»?

— Os bárbaros têm apenas uma mulher e não se casam com chinesas, meu filho — explicara Kai-sung.

— Porquê?

— É o costume deles. Um costume idiota. Mas é assim que eles são.

— Odeio o Tai-Pan! Odeio-o! Odeio-o! — explodira ele.

A mãe dera-lhe uma forte bofetada na cara. Nunca lhe batera antes.

— Ajoelha-te e pede perdão! — dissera ela, furiosa. — O Tai-Pan é o teu pai. Ele deu-te a vida. Ele é o meu deus. Ele comprou-me para si e abençoou-me ao vender-me ao Chen Sheng como *esposa*. Porque é que o Chen Sheng tomaria como esposa uma mulher com um filho impuro de dois anos, quando poderia comprar mil virgens, se não fosse a vontade do Tai-Pan? Porque é que o Tai-Pan me daria propriedades se não nos amasse? Porque é que as rendas haviam de vir para mim e não para o Chen Sheng, se o Tai-Pan assim não o ordenasse? Porque é que o Chen Sheng me trataria tão bem, mesmo na velhice, se não fosse pelo favor perpétuo do Tai-Pan? Porque é que o Chen Sheng te trata como um filho, seu idiota ingrato, se não fosse o Tai-Pan? Vai

ao templo, prostra-te e implora perdão. O Tai-Pan deu-te a vida. Como tal, ama-o, honra-o e abençoa-o, como eu. E se voltares a dizer isso, viro-te a cara para sempre!

Gordon Chen sorriu para si mesmo. *A minha mãe estava coberta de razão, e eu era tão estúpido, estava tão enganado. Mas não era tão estúpido quanto os mandarins e o maldito imperador que tentam impedir a venda de ópio. Qualquer tolo sabe que sem ele não há prata para chás e sedas.*

Certa vez, perguntara à mãe como se fazia o ópio, mas ela não sabia, nem ninguém na casa. No dia seguinte, perguntara a Mauss, que lhe dissera que o ópio era a seiva — as lágrimas — de uma semente de papoila madura.

— O cultivador de ópio faz um corte delicado na semente, e desse corte escorre uma lágrima de líquido branco, hein? Essa lágrima endurece passadas poucas horas e passa de branca para castanho-escura. Então, raspa-se essa lágrima, guarda-se e faz-se um novo corte delicado. Em seguida, raspa-se a nova lágrima e faz-se um novo corte. As lágrimas são ajuntadas e moldadas numa bola: quatro quilos e meio é o peso normal. O melhor ópio vem de Bengala, na Índia Britânica, hein? Ou de Malwa. Onde fica Malwa, rapaz?

— Na Índia Portuguesa, senhor!

— *Era portuguesa, mas agora pertence à Companhia das Índias Orientais.* Eles tomaram-na para completar o seu monopólio mundial de todo o ópio e, assim, arruinar os comerciantes portugueses de ópio, aqui em Macau. São demasiados erros, rapaz; vai buscar o chicote, hein?

Gordon Chen lembrava-se do quanto odiara o ópio naquele dia. Mas agora abençoava-o. E agradecia ao seu pai e a Hong Kong. Hong Kong ia fazer dele um homem rico. Muito rico.

— Grandes fortunas serão feitas aqui — disse ele a Horatio.

— Alguns comerciantes hão de prosperar — disse Horatio distraidamente, com os olhos postos no escalor que se aproximava. — Alguns. Comerciar é uma atividade diabolicamente complicada.

— Sempre a pensar em dinheiro, Gordon, hein? — A voz de Mauss era áspera. — É melhor que penses na tua alma imortal e na tua salvação, rapaz. O dinheiro não importa.

— Claro, senhor.

Gordon Chen fez por disfarçar a sua diversão perante a estupidez daquele homem.

— O Tai-Pan parece um poderoso príncipe que veio reclamar o seu reino — disse Horatio, quase para si mesmo.

Mauss olhou para Struan.

— E não é disso que se trata, hein?



O escaler estava nas ondas da praia.

— Recolher os remos! — gritou o contramestre, ao que a tripulação obedeceu e saltou borda fora para arrastar o barco rapidamente acima da rebentação.

Struan hesitou. Então, saltou da proa. Assim que suas botas de marinheiro tocaram na areia, soube que aquela ilha seria a sua morte.

— Valha-me Nosso Senhor!

Robb estava ao lado dele e detetou-lhe a palidez repentina.

— O que se passa, Dirk?

— Nada. — Struan forçou um sorriso. — Nada, rapaz.

Limpou a água do mar da testa e avançou pela praia em direção ao mastro. *Pelo sangue de Cristo*, pensou, *suei e planeei durante anos para te ter; Ilha, e não me has de vencer agora. Não, por Deus.*

Robb observou-o com o seu ligeiro claudicar. *O pé deve estar a incomodá-lo*, pensou. Imaginou como seria a dor de meio pé. Acontecera na única viagem de contrabando que Robb fizera. Ao salvar a vida do irmão, que estava indefeso e paralisado pelo medo, Struan fora atingido pelos piratas. Uma bala de mosquete levava consigo a parte externa do osso do tornozelo e dois dedos do pé. Uma vez repellido o ataque, o médico do navio cauterizara os ferimentos e vertera piche derretido sobre eles. Robb ainda era capaz de sentir o cheiro da carne queimada. *Se não fosse por mim*, pensou, *aquilo nunca teria acontecido.*

Seguiu o irmão praia acima, consumido pela repulsa de si próprio.

— Bom dia, cavalheiros — disse Struan ao juntar-se a alguns dos mercados perto do mastro. — Uma bela manhã, por Deus.

— Está frio, Dirk — disse Brock. — E é muita educação tua ser tão pontual.

— Cheguei cedo. Sua Excelência ainda não desembarcou, e o canhão de sinalização ainda não foi disparado.

— Sim, uma hora e meia de atraso, e tudo combinado entre ti e aquele lacaiosinho, aposto.

— Agradeço, Senhor Brock, que não se refira a Sua Excelência nesses termos — disse o Capitão Glessing atabalhoadamente.

— E eu agradeço-lhe se guardar as suas opiniões para si mesmo. Não estou na Marinha e não estou sob seu comando. — Brock cuspiu com desenvoltura. — É melhor pensar na guerra que não está a travar.

A mão de Glessing apertou a espada.

— Nunca pensei ver o dia em que a Marinha Real Britânica seria chamada para proteger contrabandistas e piratas. É isso que vocês são. — Olhou para Struan. — Todos vocês.

Houve um silêncio repentino e Struan riu-se.

— Sua Excelência não concorda consigo.

— Temos leis do Parlamento, por Deus, os Atos de Navegação. Uma delas diz: «Qualquer navio armado sem licença pode ser tomado como presa pela marinha de qualquer nação». A sua frota é licenciada?

— Há muitos piratas nestas águas, Capitão Glessing. Como muito bem sabe — disse Struan tranquilamente. — Temos armas para nos protegermos. Nem mais, nem menos.

— O ópio é contra a lei. Quantos milhares de caixas já contrabandeou para a China, costa acima, contra as leis da China e da Humanidade? Três milhares? Vinte milhares?

— O que fazemos aqui é do perfeito conhecimento dos tribunais de Inglaterra.

— O vosso «comércio» é uma desonra para a bandeira.

— Estaria melhor a agradecer a Deus pelo comércio, pois sem ele a Inglaterra não teria chá nem sedas, mas sim uma pobreza universal que lhe arrancaria o coração.

— Tens razão, Dirk — disse Brock. Então, voltou-se para Glessing. — Seria melhor se metesse nessa sua cabeça que sem mercadores não há Império Britânico nem impostos para comprar navios de guerra e pólvora. — Olhou para o uniforme imaculado de Glessing, para as calças brancas até ao joelho, meias brancas, sapatos de fivela e chapéu de três bicos. — E não há dinheiro para pagar uma fortuna para os capitanear!

Os fuzileiros navais estremeceram e alguns marujos riram-se, mas com muita cautela.

— É melhor que agradeçam a Deus pela Marinha, por Deus. Sem ela, não há lugar onde comerciar.

Um tiro de sinalização do navio-almirante soou. De repente, Glessing marchou até ao mastro da bandeira.

— Apresentar armas!

Sacou da proclamação e um silêncio abateu-se sobre os presentes. Então, a sua ira tendo diminuído um pouco, começou a ler:

— «Por ordem de Sua Excelência, o Honrável William Longstaff, Capitão Superintendente do Comércio na China de Sua Majestade Britânica, a Rainha Vitória. De acordo com o documento conhecido como Tratado de Chuenpi, assinado a 20 de janeiro deste ano da graça de Nosso Senhor, por Sua Excelência em nome do Governo de Sua Majestade, e por Sua Excelência Ti-sen, Plenipotenciário de Sua Majestade, Tao Kuang, Imperador da China, eu, Capitão Glessing, MRB, tomo posse desta Ilha de Hong Kong em nome de Sua Majestade Britânica, dos seus herdeiros e cessionários, em perpetuidade, sem qualquer entrave ou impedimento, neste dia 26 de janeiro do ano da graça de Nosso Senhor de 1841. O solo desta ilha é agora solo inglês. Deus salve a Rainha!»

A bandeira do Reino Unido foi desfraldada no topo do mastro, e a guarda de honra dos fuzileiros navais disparou uma salva. Então, as bocas de fogo rugiram em toda a frota e o vento adensou-se com o cheiro forte da pólvora. Os que estavam na praia deram três vivas à rainha.

Agora, está feito, pensou Struan. Agora, estamos comprometidos. Agora, podemos começar. Deixou o grupo, desceu até à rebentação e, pela primeira vez, virou as costas à ilha e olhou para o grande porto, para a terra além: para a China continental, a um quilómetro de distância.

A península continental era baixa, com nove colinas atarracadas, e invadia o porto que a cercava. Chamava-se «Kaulung» — «Kowloon», como os mercadores pronunciavam —, «Nove Dragões». E a norte estendia-se a ilimitada e desconhecida imensidão da China.

Struan lera todos os livros escritos pelos três europeus que haviam estado na China e regressado. Marco Polo, quase seiscentos anos antes, e dois padres católicos que tinham recebido permissão para entrar em Pequim, duzentos anos antes. Os livros não revelavam quase nada.

Durante duzentos anos, nenhum europeu tivera permissão para entrar na China. Certa vez, contra a lei, Struan entranhara-se um quilómetro e meio terra adentro, na costa perto de Swatow, quando vendia ópio, mas os chineses eram hostis e ele estava sozinho, à exceção do seu imediato. Não fora a hostilidade que o fizera recuar. Apenas a enormidade do número deles e a imensidão daquela terra.

Pelo amor de Deus! pensou. Não sabemos nada sobre a nação mais antiga e populosa da Terra. O que há ali dentro?

— O Longstaff vem a terra? — perguntou Robb ao se juntar a ele.

— Não, rapaz. Sua Excelência tem coisas mais importantes para fazer.

— O quê?

— Coisas como ler e escrever despachos. E fazer acordos particulares com o almirante.

— Para fazer o quê?

— Para proibir o comércio do ópio.

Robb riu-se.

— Não estou a brincar. Era por isso que ele me queria ver, com o almirante. Queria saber quando dar a ordem. O almirante disse que a Marinha não teria problemas em aplicá-la.

— Meu Deus! O Longstaff está louco?

— Não. Só um pouco tonto da cabeça. — Struan acendeu um charuto. — Eu disse-lhe que desse a ordem aos quatro toques.

— Isso é uma loucura! — explodiu Robb.

— É muito sensato. A Marinha só há de impor a ordem dentro de uma semana «para dar aos comerciantes da China tempo para se desfazerem dos seus produtos».

— Mas então o que fazemos? Sem ópio, estamos acabados. O comércio com a China acabou-se. Acabou-se.

— Quanto dinheiro temos, Robb?

Robb olhou em redor para se certificar de que não havia ninguém por perto e baixou a voz.

— Temos ouro na Escócia. Um milhão e cem mil libras esterlinas no nosso banco em Inglaterra. Cerca de cem mil em lingotes de prata aqui. Devem-nos três milhões pelo ópio apreendido. Temos duzentos mil guinéus de ópio no *Scarlet Cloud* ao preço atual do mercado. Temos...

— Esquece o *Scarlet Cloud*, rapaz. Está perdido.

— Ainda há uma hipótese, Dirk. Vamos dar-lhe mais um mês. Temos cerca de cem mil guinéus em ópio nos porões. Devemos novecentos mil em letras de câmbio à vista.

— Quanto nos custará manter tudo em operação durante os próximos seis meses?

— Cem mil guinéus darão para pagar navios, salários e subornos.

Struan pensou por um momento.

— Amanhã, será o pânico entre os comerciantes. Nenhum deles, exceto talvez o Brock, consegue vender o ópio numa semana. Será melhor embarcar todo o nosso ópio costa acima esta tarde. Parece-me...

— O Longstaff tem de mudar a ordem — disse Robb com crescente ansiedade. — Tem de o fazer. Ele vai arruinar o erário e...

— Importas-te de me ouvir? Quando o pânico se instalar, amanhã, pegas em todos os taéis que temos e em todos os taéis que conseguires pedir emprestados e compras ópio. Deves conseguir comprar a dez cêntimos por dólar.

— Não somos capazes de vender tudo numa semana, quanto mais uma maior quantidade.

Struan sacudiu as cinzas do charuto.

— Um dia antes de a ordem ser implementada, o Longstaff vai cancelá-la.

— Não estou a entender.

— É uma questão de salvar a face, Robb. Depois de o almirante se ir embora, expliquei ao Longstaff que proibir o ópio seria destruir todo o comércio. Pelo amor de Deus, quantas vezes terei de explicar? Então, expliquei-lhe que não podia cancelar a ordem imediatamente sem passar por uma humilhação e fazer com que o almirante, que é bem-intencionado, mas não entende nada de comércio, passasse por uma humilhação também. A única coisa a fazer era dar a ordem e, depois, para salvar a face e o posto do almirante, *e o seu próprio posto*, cancelá-la. Prometi explicar o significado do «comércio» ao almirante nos entretantos. Além disso, a ordem parecerá legítima aos Chineses e deixá-los-á em desvantagem. Há outra reunião com o Ti-sen dentro de três dias. O Longstaff concordou plenamente e pediu-me para manter o assunto em sigilo.

O rosto de Robb iluminou-se.

— Ah, Tai-Pan, és um homem entre os homens! Mas o que nos garante que o Longstaff cancela a ordem?

Struan tinha no bolso uma proclamação assinada, datada de dali a seis dias, que cancelava a ordem. Longstaff entregara-lha. «Aqui tem, Dirk, guarde-a já; assim, posso esquecê-la. Raios! Toda esta papelada, sabe... é horrível. Mas é melhor manter isto em segredo até chegar a altura.»

— Não cancelavas uma ordem tão idiota, Robbie?

— Sim, claro. — Robb estava capaz de abraçar o irmão. — Se forem seis dias e ninguém mais souber, é garantido que faremos uma fortuna.

— Sim.

Struan deixou o olhar vaguear até ao porto. Dera com ele havia vinte e poucos anos. A orla externa de um tufão apanhara-o em alto-mar, e, embora se tivesse preparado para a tempestade, não conseguira escapar e vira-se

implacavelmente empurrado para o continente. O seu navio navegava com todo o pano recolhido, castigado pela força das ondas, o céu diurno e o horizonte obliterados pelas bátegas de água que os Ventos Supremos arrancavam do oceano e lançavam diante do navio. Então, perto da costa, em mares monstruosos, as âncoras de tempestade haviam cedido e Struan percebera que o navio estava perdido. As ondas agarraram nele e atiraram-no contra a praia. Por algum milagre, um qualquer vento alterou-lhe o curso numa fração de grau e empurrou-o para além das rochas, entrando num canal estreito e desconhecido, com apenas 275 metros de largo, que a ponta leste de Hong Kong formava com o continente... e para o porto mais além. Para águas seguras.

O tufão havia destruído grande parte da frota mercante de Macau e afundado dezenas de milhares de juncos ao longo da costa. Mas Struan e os juncos abrigados em Hong Kong tinham resistido confortavelmente. Passada a tempestade, Struan navegara em redor da ilha, cartografando-a. Depois, guardara estas informações na sua mente e começara a planear em segredo.

E agora que és nossa, agora, posso ir-me embora, pensou ele, a sua excitação aumentando. *Agora, o Parlamento.*

Há anos que Struan sabia que o único meio de proteger a Casa Nobre e a nova colónia residia em Londres. A verdadeira sede do poder na Terra era o Parlamento. Como membro do Parlamento, apoiado pelo poder que a imensa riqueza da Casa Nobre lhe conferia, ele dominaria a política externa asiática como dominara Longstaff. *Sim.*

Uns milhares de libras levam-te ao Parlamento, disse a si mesmo. *Chega de trabalhar por conta dos outros. Agora, poderás fazê-lo sozinho. Sim, finalmente, rapaz. Mais uns anos e, então, o título de cavaleiro. Depois, entras no Gabinete. E então, então, por Deus, hás de traçar toda uma rota para o Império, para a Ásia e para a Casa Nobre que durará mil anos.*

Robb observava-o. Sabia que tinha sido esquecido, mas não se importava. Gostava de observar o irmão quando os seus pensamentos estavam distantes. Quando o rosto do Tai-Pan perdia a dureza e os seus olhos aquele verde gelido, quando a sua mente era invadida por sonhos que ele sabia que jamais poderia partilhar, Robb sentia-se muito próximo dele e muito seguro.

Struan quebrou o silêncio:

— Dentro de seis meses, assumes o lugar de Tai-Pan.

O estômago de Robb contraiu-se de pânico.

— Não. Não estou pronto.

— Estás pronto, sim. Só no Parlamento poderei proteger-nos e a Hong Kong.

— Sim — disse Robb.

Depois acrescentou, tentando manter a voz calma:

— Mas isso seria algures no futuro... dentro de dois ou três anos. Há muito a fazer aqui.

— Tu consegues.

— Não.

— Consegues. E na mente da Sarah não há dúvidas, Robb.

Robb olhou para o *Resting Cloud*, o navio de abastecimento, onde a sua esposa e filhos estavam a viver temporariamente. Sabia que Sarah era demasiado ambiciosa para ele.

— Não o quero ainda. Ainda tenho tempo.

Struan pensou no tempo. Não se arrependia dos anos passados no Oriente, longe de casa. Longe da mulher, Ronalda, e de Culum, Ian, Lechie e Winifred, os seus filhos. Gostaria que estivessem com ele, mas Ronalda odiava o Oriente. Tinham-se casado na Escócia quando ele tinha vinte anos e Ronalda dezasseis, e partido imediatamente para Macau. Mas ela odiara a viagem e odiara Macau. O primeiro filho morrera ao nascer e, no ano seguinte, quando nascera o segundo, Culum, este também adoecera. Então, Struan mandara a família para casa. A cada três ou quatro anos, regressava de licença. Um ou dois meses em Glasgow com eles e depois voltava para o Oriente, pois havia muito a fazer e uma Casa Nobre a ser construída.

Não me arrependo de um dia sequer, disse a si mesmo. De um único dia. Um homem tem de sair pelo mundo para fazer o que puder dele e de si mesmo. Não é esse o propósito da vida? Mesmo que a Ronalda seja uma bela moçoila e eu ame os meus filhos, um homem tem de fazer o que tem de fazer. Não é para isso que nascemos? Se o senhor dos Struan não tivesse tomado todas as terras do clã, para depois as cercar e correr connosco, nós, seus parentes, nós que trabalhámos aquelas terras durante gerações, então, eu poderia ter sido mais um rendeiro como meu pai antes de mim. Sim, e estaria contente por ser um rendeiro. Mas ele mandou-nos para aquele buraco fedorento em Glasgow e ficou com todas as terras para si, para se tornar Conde de Struan, e desfez o clã. Depois, quase morremos de fome e eu fiz-me ao mar e a joss salvou-nos e agora a família está bem na vida. Todos eles. Porque eu me fiz ao mar. E porque a Casa Nobre aconteceu.

Struan aprendera muito depressa que dinheiro era poder. E ele ia usar o seu poder para destruir o Conde de Struan e recomprar algumas das terras do clã. Não se arrependia de nada na sua vida. Encontrara a China, e a

China dera-lhe o que sua terra natal nunca lhe poderia dar. Não apenas riqueza — a riqueza por si só era uma obscenidade. Mas riqueza e um propósito para essa riqueza. Tinha uma dívida para com a China.

E ele sabia que, embora voltasse para casa, se tornasse membro do Parlamento e ministro do Gabinete, destruísse o conde e consolidasse Hong Kong como uma joia da coroa britânica, havia de regressar sempre. Pois o seu verdadeiro propósito — escondido de todos, quase escondido de si mesmo na maior parte do tempo — levaria anos a ser alcançado.

— Nunca há tempo suficiente. — Olhou para a montanha dominante. — Vamos chamar-lhe «o Pico» — disse distraidamente, e mais uma vez teve a estranha e repentina sensação de que a ilha o odiava e o queria morto. Podia sentir o ódio à sua volta e, perplexo, perguntou a si mesmo: *Porquê?*

— Dentro de seis meses, estarás à frente da Casa Nobre — repetiu, com uma voz áspera.

— Não consigo. Não sozinho.

— Um *tai-pan* está sempre sozinho. É essa a alegria e a dor. — Por cima do ombro de Robb, viu que o contramestre se aproximava. — Sim, Senhor McKay?

— Com a sua licença, senhor. Permissão para emendar o braço da vela grande?

McKay era um homem largo e atarracado, com o cabelo preso num rabicho pichado e raquítico.

— Sim. Um gole duplo para todos. Preparem tudo conforme combinado.

— Sim, senhor, com sua licença.

McKay afastou-se apressado.

Struan voltou-se para Robb, que apenas se deu conta daqueles estranhos olhos verdes que pareciam iluminá-lo.

— Mandarei vir o Culum no fim do ano. Ele já terá acabado a universidade até lá. O Ian e o Lechie hão de ir para o mar, e depois seguir-lhe-ão os passos. Até lá, o teu filho Roddy já terá idade suficiente. Graças a Deus, temos filhos que cheguem para nos suceder. Escolhe um deles para te suceder. O Tai-Pan escolhe sempre quem lhe sucederá e quando.

Então, com determinação, virou costas à China continental e exclamou:

— Seis meses! — E foi-se embora.

Robb ficou a vê-lo partir, odiando-o de repente, odiando-se a si mesmo e à ilha. Sabia que seria um fracasso como Tai-Pan.

— Não querem beber connosco, cavalheiros? — perguntava Struan a um grupo de mercadores. — Um brinde ao nosso novo lar? Temos conhaque, rum, cerveja, branco seco, *whisky* e champanhe. — Apontou para o escaler, onde os seus homens descarregavam barris e arrumavam as mesas. Outros cambaleavam sob grandes quantidades de carnes frias (frangos e pernis de porco, vinte leitões e metade de uma vaca), pães e empadas frias de porco salgado, tigelas de couve cozida com gordura de presunto, trinta ou quarenta presuntos fumados, bananas de Cantão e pastéis de frutas em conserva, belas canecas de vidro e estanho, e até baldes de gelo, trazido do Norte em lorchas e veleiros, para as garrafas de champanhe. — Temos pequeno-almoço para quem estiver com fome.

OuvIU-se uma aclamação aprovadora e os mercadores começaram a dirigir-se às mesas. Quando todos já tinham os seus copos ou canecas, Struan ergueu o copo:

— Um brinde, cavalheiros.

— Vou beber contigo, mas não a este maldito calhau. Vou beber à tua ruína — disse Brock, erguendo uma caneca de cerveja. — Pensando bem, vou antes beber a este teu pequeno calhau também. E até lhe vou dar um nome: «A Loucura de Struan.»

— Sim, é pequeno — respondeu Struan. — Mas suficientemente grande para a casa dos Struan e para o resto dos comerciantes da China. Se é suficientemente grande para os Struan e os Brock, isso é outra questão.

— Pois que te lo digo sem rodeios, Dirk, meu velho: nem a China inteira seria.

Brock esvaziou a caneca e atirou-a terra adentro. Depois, seguiu para o seu escaler. Alguns mercadores seguiram-no.

— Palavra de honra, que falta de modos — disse Quance.

Então, entre gargalhadas, gritou:

— Vamos, Tai-Pan, esse brinde! O Senhor Quance tem uma sede imortal! Que se faça História.

— Com a sua licença, Senhor Struan — interveio Horatio Sinclair. — Antes do brinde, não seria apropriado agradecer a Deus pelas mercês que hoje nos mostrou?

— Com certeza, rapaz. Que tolíce a minha, esquecer-me disso. Quer fazer o favor?

— Temos cá o Reverendo Mauss, senhor.

Struan hesitou, apanhado de surpresa. Observou o jovem, apreciando o humor profundo que se escondia por trás daqueles olhos de um cinzento-celeste. Então, chamou em voz alta:

— Reverendo Mauss, onde está? Venha daí essa oração.

Mauss elevava-se acima dos mercadores. Avançou hesitante para a frente da mesa, pousou o seu copo vazio e fingiu que assim sempre estivera. Os homens tiraram os chapéus e ficaram à espera de cabeça descoberta sob o vento frio.

Agora a praia estava silenciosa. Struan olhou para o sopé da colina, para um afloramento rochoso onde se ergueria a igreja. Conseguia visualizá-la na sua mente, a cidade, os cais, os armazéns, as casas e os jardins. A Casa Grande onde os Tai-Pan governariam durante gerações. Outras habitações para a hierarquia da Casa e respetivas famílias. E raparigas. Pensou na sua atual amante, T'chung Jen May-may. Comprara May-may cinco anos antes, quando ela tinha quinze anos e ainda não havia sido tocada.

Ayeeee yah, disse ele para si mesmo, alegremente, recorrendo a uma das expressões cantonesas dela, que significava prazer, raiva, nojo, felicidade ou desamparo, dependendo da forma como fosse dita. *Ora, ali está uma gata selvagem, se é que alguma vez existiu tal coisa.*

— Doce Deus dos ventos selvagens, das ondas e da beleza do amor, Deus dos grandes navios, da Estrela Polar e da beleza do lar, Deus e Pai de Jesus Menino, olhai para nós e tende piedade de nós. — Mauss, de olhos fechados, ergueu as mãos. A sua voz era intensa e a profundidade do seu anseio envolvia-os. — Somos filhos de homens, e os nossos pais preocuparam-se connosco como Vós vos preocupastes com o vosso bendito Filho, Jesus. Santos são crucificados nesta terra e os pecadores multiplicam-se. Olhamos para a glória de uma flor e não Vos vemos. Suportamos os Ventos Supremos e não Vos conhecemos. Medimos os poderosos oceanos e não Vos sentimos. Colhemos a terra e não Vos tocamos. Comemos e bebemos, mas não Vos saboreamos. Sois todas essas coisas e muito mais. Sois vida e sois morte, sucesso e fracasso. Sois Deus e nós somos homens...

Fez uma pausa, com o rosto contorcido, enquanto se debatia com a sua alma agonizante.

Ó Deus, perdoai os meus pecados. Que eu expie a minha fraqueza convertendo os pagãos. Que eu seja um mártir da Vossa Santa Causa. Transformai-me, daquilo que hoje sou para o que um dia fui...

Mas Wolfgang Mauss sabia que não havia como voltar atrás, que no momento em que começara a servir Struan, a sua paz o abandonara e as necessidades da sua carne se haviam apoderado dele. *Certamente, meu Deus, o que eu fiz foi o que estava certo. Não havia outra maneira de entrar na China.*

Abriu os olhos e olhou em redor, impotente.

— Sinto muito. Perdoem-me. Não sei as palavras. Posso vê-las, palavras grandiosas para vos fazer conhecê-Lo como eu um dia O conheci, mas não consigo dizer as palavras. Perdoem-me. Oh, Senhor, abençoi esta ilha. Ámen.

Struan pegou num copo cheio de *whisky* e entregou-o a Mauss.

— Parece-me que o disse muito bem. Um brinde, cavalheiros. À Rainha!

Todos beberam e, quando os seus copos ficaram vazios, Struan ordenou que os enchessem de novo.

— Com a sua permissão, Capitão Glessing, gostaria de oferecer um brinde aos seus homens. E a si, claro. Um brinde à mais recente possessão da rainha. Hoje, os senhores entraram na História. Temos de homenagear o capitão — apelou aos mercadores. — Vamos chamar a esta praia «Ponta de Glessing».

Seguiu-se rugido de aprovação.

— Dar o nome a ilhas ou a parte de uma ilha é um privilégio que cabe ao oficial superior — disse Glessing.

— Hei de o referir a Sua Excelência.

Glessing assentiu brevemente e dirigiu-se ao capitão-de-armas:

— Um brinde paras os marinheiros, cortesia da Struan e Companhia. Não para os fuzileiros navais. À vontade.

Não obstante a fúria contra Struan, Glessing não conseguia negar o prazer de saber que, enquanto existisse a Colónia de Hong Kong, o seu nome seria lembrado. Porque Struan nunca dizia nada levianamente.

Seguiu-se um brinde a Hong Kong e três vivas. Então, Struan fez sinal ao gaiteiro, e os sons do clã Struan encheram a praia.

Robb não bebeu nada. Struan ia saboreando um conhaque enquanto se deslocava pelo meio da multidão, cumprimentando aqueles que desejava cumprimentar e acenando com a cabeça a outros.

— Não bebes, Gordon?

— Não, obrigado, Senhor Struan.

Gordon Chen fez uma reverência à moda chinesa, muito orgulhoso por ser notado.

— Como vão as coisas contigo?

— Muito bem, obrigado, senhor.

Tornou-se um belo rapaz, pensou Struan. *Quantos anos tem ele agora? Dezanove. O tempo passa tão depressa.*

Lembrava-se com carinho de Kai-sung, a mãe do rapaz. Tinha sido a sua primeira amante e era belíssima. *Ayee yah, ela ensinou-te muita coisa.*

— Como está a tua mãe? — perguntou.

— Está muito bem — respondeu Gordon Chen com um sorriso. — Ela gostaria que eu lhe desse a conhecer as suas preces pela vossa segurança. Todos os meses ela queima incenso em vossa homenagem no templo.

Struan perguntou a si mesmo como ela estaria agora. Não a via há dezasseis anos. Mas lembrava-se claramente daquele rosto.

— Transmite-lhe os meus melhores votos.

— Honra-a muito, Senhor Struan.

— O Chen Sheng diz-me que trabalhas muito e que lhe és muito útil.

— Ele é muito gentil comigo, senhor.

Chen Sheng nunca era gentil com ninguém que não fizesse mais do que dar-lhe dinheiro a ganhar. O *Chen Sheng é um velho ladrão*, pensou Struan, *mas, por Deus, estaríamos perdidos sem ele.*

— Bem — disse Struan —, não poderias ter melhor professor do que o Chen Sheng. Haverá muito o que fazer nestes próximos meses. Muitos subornos a fazer.

— Espero poder ser útil à Casa Nobre, senhor.

Struan deu-se conta de que o seu filho tinha algo em mente, mas limitou-se a assentir agradavelmente e foi-se embora, ciente de que Gordon encontraria uma forma de lho dizer quando chegasse a altura certa.

Gordon Chen fez uma vénia e, passado um momento, dirigiu-se a uma das mesas e esperou educadamente até que houvesse espaço para ele, consciente dos olhares, mas sem se importar: sabia que, enquanto Struan fosse o Tai-Pan, estava bem seguro.

Os mercadores e marinheiros por toda a praia despedaçavam galinhas e leitões com as mãos e empanturravam-se com a carne, a gordura a escorrer-lhes pelo queixo. *Que bando de selvagens*, pensou Gordon Chen, e agradeceu ao seu pai por ter sido criado como chinês e não como europeu.

Sim, pensou ele, *a minha joss tem sido enorme.* Fora a *joss* que lhe trouxera o seu Mestre secreto de chinês alguns anos antes. Ele não falara a ninguém sobre o Mestre, nem mesmo à sua mãe. Com aquele homem, aprendera que nem tudo o que os Reverendos Sinclair e Mauss lhe haviam ensinado

era necessariamente verdade. Aprendera sobre Buda, sobre a China e o seu passado. E como retribuir o dom da vida e usá-lo para a glória da sua pátria. Então, no ano anterior, o Mestre iniciara-o na mais poderosa, mais clandestina e mais militante das sociedades secretas chinesas, a Hung Mun Tong, que se espalhava por toda a China e assumira o compromisso, pelos mais sagrados juramentos das irmandades de sangue, a derrubar os odiados manchus, esses estrangeiros Ch'ings, a dinastia governante da China.

Durante dois séculos, sob vários nomes e disfarces, a sociedade fomentara a insurreição. Houvera revoltas em todo o Império Chinês — do Tibete à Formosa, da Mongólia à Indochina. Onde quer que houvesse fome, opressão ou descontentamento, a Hung Mun unia os camponeses contra os Ch'ings e os seus mandarins. Todas as insurreições haviam fracassado e sido selvaticamente reprimidas pelos Ch'ings. Mas a sociedade sobrevivera.

Gordon Chen sentia-se honrado por, sendo apenas em parte chinês, ter sido considerado digno de ser um *hung mun*. *Morte aos Ch'ings!* Abençoou a sua *joss* por ter nascido naquela era da História, naquela parte da China, com aquele pai, pois sabia que era quase chegado o momento de toda a China se revoltar.

E abençoou o Tai-Pan, pois havia dado à Hung Mun uma pérola inestimável: Hong Kong. Finalmente, a sociedade tinha uma base a salvo da opressão perpétua dos mandarins. Hong Kong estaria sob controlo bárbaro, e ali, naquela pequena ilha, sabia que a sociedade havia de florescer. A partir de Hong Kong, segura e secreta, eles sondariam o continente e assolariam os Ch'ings até que chegasse o Dia. *E com joss*, pensou ele, *com joss, poderei usar o poder da Casa Nobre em prol da causa*.

— Salta daí, maldito pagão!

Gordon Chen ergueu os olhos, sobressaltado. Um pequeno marujo, atarracado e robusto, encarava-o com ar de poucos amigos. Tinha um pernil de leitão nas mãos e dilacerava-o com os dentes partidos.

— Salta daí, ou enrolo-te esse rabicho à volta desse maldito pescoço!

O contramestre McKay apareceu, apressado, e empurrou o marinheiro para o lado.

— Cala essa boca, Ramsey, seu canalha — disse ele. — Ele não faz por mal, Senhor Chen.

— Sim. Obrigado, Senhor McKay.

— Quer de comer? — McKay espetou a sua faca num frango e ofereceu-lho.

Gordon Chen quebrou cuidadosamente o osso da ponta da asa do frango, horrorizado com os modos bárbaros de McKay.

— Obrigado.

— É só isso que vai comer?

— Sim. É a parte mais delicada. — Chen fez uma vénia. — Obrigado, mais uma vez. — E foi-se embora.

McKay aproximou-se do marinheiro.

— Estás bem, amigo?

— Eu devia era arrancar-te o coração. Aquele é o teu namoradinho chinês, McKay?

— Fala baixo, seu idiota. Aquele chinês tem de ficar sossegado. Se queres implicar com algum pagão desgraçado, há muitos outros. Mas aquele não, por Deus. É o bastardo do Tai-Pan, só isso.

— Então, porque é que ele não usa uma placa... ou corta o raio do cabelo? — Ramsey baixou a voz e lançou um olhar lascivo. — Ouvi dizer que são diferentes... as rameiras chinesas. Têm uma constituição diferente.

— Não sei. Nunca me cheguei a essa escumalha. Já há da nossa laia que cheguem em Macau.



Struan observava uma sampana ancorada ao largo. Era um pequeno barco com uma cabina confortável, feita de finas esteiras de vime entrançado, esticadas sobre aros de bambu. O pescador e sua família eram *hoklos*, gente que vivia a vida inteira na água e raramente, ou nunca, ia a terra. Podia ver que havia quatro adultos e oito crianças na sampana. Algumas das crianças estavam amarradas ao barco por cordas na cintura. Seriam os filhos. As filhas não eram amarradas, visto que não tinham valor.

— Quando lhe parece que poderemos regressar a Macau, Senhor Struan? Ele virou-se e sorriu a Horatio.

— Imagino que amanhã, rapaz. Mas suponho que Sua Excelência precisará de si para a reunião com Ti-sen. Haverá mais documentos para traduzir.

— Quando é a reunião?

— Dentro de três dias, penso eu.

— Se tiver um navio de partida para Macau, daria passagem à minha irmã? Vai para dois meses que a pobre Mary está a bordo.

— Com todo o gosto.